

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLin)**

LUCÉLIA TEIXEIRA SANTOS SANTANA

**INTERAÇÃO VERBAL E ESCRITA: REORGANIZAÇÃO DA ORALIDADE DE UM
SUJEITO COM AFASIA**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

LUCÉLIA TEIXEIRA SANTOS SANTANA

**INTERAÇÃO VERBAL E ESCRITA: REORGANIZAÇÃO DA ORALIDADE DE UM
SUJEITO COM AFASIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e patologias da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

Coorientador: Prof. Dr. Ronei Guaresi.

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

Santana, Lucélia Teixeira Santos.

S223i Interação verbal e escrita: reorganização da oralidade de um sujeito com afasia / Lucélia Teixeira Santos Santana; Nirvana Santos Ferraz Sampaio; coorientador: Ronei Guaresi. – Vitória da Conquista, 2015.

76f. : Il.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2015.

Referências: f.71-72.

1. Neurolinguística discursiva. 2. Afasia – Oralidade e escrita. 3. Linguagem – Distúrbios. I. Sampaio, Nirvana Santos Ferraz. II. Guaresi, Ronei. III. Universidade Estadual Sudoeste da Bahia. IV. Título.

CDD: 616.855

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana – CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Interaction verbal and written: orality of reorganization of a subject with afasia.

Palavras-chave em inglês: Neurolinguistic Discourse. Language. Aphasia. Orality. Writing.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Ronei Guaresi (Coorientador-UESB); Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello Pires (UESB); Profa. Dra. Evani Andreatta Amaral Camargo (UNICAMP)

Data da defesa: 24 de fevereiro de 2015

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

LUCÉLIA TEIXEIRA SANTOS SANTANA

**INTERAÇÃO VERBAL E ESCRITA: REORGANIZAÇÃO DA ORALIDADE DE UM
SUJEITO COM AFASIA**

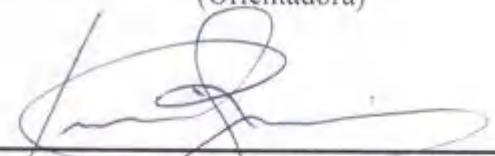
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 24 de fevereiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA



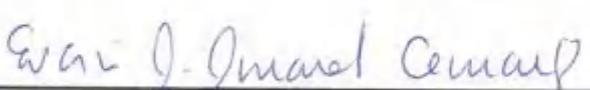
Prof. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)
(Orientadora)



Prof. Dr. Ronei Guaresi (UESB)
(Coorientador)



Prof. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello Pires (UESB)



Prof. Dra. Evani Andreatta Amaral Camargo (UNICAMP)

Ao sujeito OJ, que não mediu esforços para que este trabalho fosse realizado, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UESB pela estrutura e por minha formação acadêmica.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia pela concessão de bolsa durante o período de mestrado.

A minha orientadora, Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio por toda a colaboração, orientação, compreensão e pela amizade construída. Por me apresentar em primeira mão a Neurolinguística.

Aos sujeitos afásicos participantes do ECOA que me mostraram em todo o tempo que não existem problemas, mas soluções sempre e que a vida é sempre mais importante.

Às minhas colegas pesquisadoras, Daniela Almeida, Iva Cota, Tâmilis Paiva, Raiane Sousa, Kátia Bernardo, Laysla Portela, Brena Batista e Juliana por todas as colaborações nos planejamentos dos encontros, pelas discussões de pesquisa, pelas descontrações e pelo companheirismo demonstrado.

À Profa. Dra. Vera Pacheco pelo seu profissionalismo e pela disponibilidade e atenção dispensados a mim ao me ajudar em um recorte fonético e pelas contribuições na banca de qualificação.

À Profa. Dra. Carla Salati Ghirelo Pires pelas colaborações incontáveis, pelas conversas preciosas, pela delicadeza e carinho. Suas contribuições na banca de qualificação me iluminaram.

À Profa. Dra. Evani Amaral Andreatta Camargo por aceitar o convite para participar da banca e pelas considerações que irão lapidar o trabalho.

A minha querida amiga Ivana Ivo pelas contribuições e conselhos que refletem sua rica experiência.

Ao secretário do PPGlin, Jonathan, pela eficiência e amizade.

Agradeço, antes de tudo, a Deus, que me deu a vida e inspiração para realizar este trabalho.

Aos meus pais que sempre incentivaram a minha caminhada em direção aos estudos.

Ao meu esposo Francisco por sempre entender minhas ausências.

A minha filha Caroline pelo incentivo, carinho, paciência nos momentos de estresse e todas as colaborações afins.

“Ao que parece quanto mais se estuda, mais se tem dúvidas e mais se tem a sensação de que pouco se sabe, ou que nunca haverá tempo suficiente nessa nossa breve existência para se saber”.
(Ana Paula Santana)

RESUMO

Este trabalho apresenta o estudo de caso de um sujeito afásico (OJ), que foi acompanhado longitudinalmente, sob os pilares da Neurolinguística Discursiva (ND). A ND apresenta uma abordagem discursiva da linguagem, observando a língua em funcionamento e as ações do sujeito ao (re) organizar a linguagem, após ser acometido por patologias que deixaram como sequelas dificuldades linguísticas. O nosso objetivo principal foi analisar se a escrita, como modalidade linguística, poderia ser utilizada como um suporte para a oralidade deste sujeito, com a finalidade de realizar intervenções linguísticas para que ele seja inserido novamente na sociedade com a oralidade. Destacamos as características singulares deste caso, apontando para todos os tipos de mecanismos utilizados por este sujeito para ser compreendido, principalmente a escrita. A nossa hipótese, ao iniciar o acompanhamento, era o de que a escrita, elemento de ordem diferente da oralidade, poderia vir a ser empregada como auxiliar no momento falho da oralidade. Os dados nos mostraram que a escrita, assim como os outros elementos linguísticos como a prosódia, os gestos e a leitura não estão dissociados da oralidade, todos se complementam, dando sentido e materializando a subjetividade do homem como um ser de relações e de individualidades. O sujeito (OJ) faz uso da escrita, não como as normas preveem, para construir textos; ele usa a escrita para falar com o outro, e uma vez compreendido, sai da escrita e volta para a oralidade. Enfatizamos, ao final do trabalho, que, ao olhar a linguagem do sujeito afásico de forma discursiva, considerando todos os tipos de estratégias utilizadas por ele para se fazer entender, é possível ter uma visão ampla do funcionamento da linguagem, colaborando, tanto para o desenvolvimento de atividades que o levem a driblar a própria dificuldade, como também, colaborar para a expansão das discussões em torno destas questões linguísticas que envolvem as patologias da linguagem, incluindo e afirmando que sempre há um sujeito ativo na linguagem.

PALAVRAS-CHAVE

Neurolinguística Discursiva. Linguagem. Afasia. Oralidade. Escrita.

ABSTRACT

This paper presents the case study of an aphasic (OJ), which was followed longitudinally under the pillars of Neurolinguistic Discourse (ND). The ND has a discursive approach to language, noting the language in operation, and the actions of the subject on (re) organizing the language after suffering diseases that affect him linguistically. Our main objective was to observe if the writing as a linguistic modality could be used as a support for the orality of this subject, in order to make language assistance so that he can be inserted back into society with orality. We highlight the unique features of this case, pointing to all types of mechanisms used for this subject to be understood, especially the writing. Our hypothesis, when we started the follow-up, was that the writing, an element different from orality, could be used as an auxiliary in the flawed moment of orality. The data showed us that the writing, as well as the other linguistic elements as prosody, gestures, and the reading are not decoupled of the orality, all complement each other, giving meaning and materializing the subjectivity of the man as a being of relationship and individualities. The subject (OJ) uses the writing, not like the rules provide it for - to build texts to be read. He uses the writing to talk with the other people, and once he is understood, he goes out of writing and goes back to orality. We emphasize at the end of work, that, while we look at the language of an aphasic subject in a discursive way, considering all types of strategies used by him to make himself understood, it is possible to take a broad view of the functioning of language, working for both the development activities that lead him to circumvent his own difficulties, but also to contribute on expanding the discussions around these language issues on language pathologies, including and stating that there is always an active subject in language.

KEYWORDS

Neurolinguistic Discourse. Language. Aphasia. Orality. Writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura nº1 Curva melódica do enunciado “PAQUI?”	44
Figura nº2 Curva melódica do enunciado “PAQUI?.....	57
Figura nº3 Escrita de OJ “ITARANTIM”	58
Figura nº 4 Escrita de OJ “LISTA”.....	57
Figura nº 5 Escrita de OJ “RELÓGIO E 45,50”	59
Figura nº 6 Escrita de OJ “PRESENTE”	63
Figura nº 7 Escrita de OJ “100”	67

LISTA DE DADOS

Dado nº1 “PAQUI?”.....	42
Dado nº 2 “DO, DO”	42
Dado nº 3 “NADA, DAVA”	42
Dado nº 4 “PAQUI”?.....	45
Dado nº 5 “ITARANTIM”	45
Dado nº 6 “MEU DEUS, AH MEU DEUS, AQUI MOÇA”	50
Dado nº 7 “I-TA-RAN-TIM.....	50
Dado nº 8 “TIM”.....	50
Dado nº 9 “2,00 REAIS”	54
Dado nº 10 “PRÓPRIA ESCRITA”.....	54
Dado nº 11 “RELÓGIO”	57
Dado nº 12 “NÃO, EU NÃO SABIA QUE IA TER ANIVERSÁRIO.....	60
Dado nº 13 “ESSE VALOR É SUFICIENTE?”	60
Dado nº 14 “ÁQUI Ó”	64
Dado nº 15 “AISSI, ÉK, ASS	64
Dado nº 16 “100”	67

LISTA DE QUADROS

Quadro nº 1: Sessão - Trabalho com carteira assinada.....	42
Quadro nº 2: Sessão - Itarantim, cidade natal.	45
Quadro nº 3: Sessão - Continuação de Itarantim cidade natal.....	48
Quadro nº 4: Sessão - Retratos de uma cidade.....	51
Quadro nº 5: Sessão - Montando um supermercado.....	54
Quadro nº6: Sessão - Aniversário sem presente.....	60
Quadro nº 7: Sessão - Pausa para encenação.....	64

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
1.1 PRIMEIRAS PALAVRAS.....	13
1.2 OBJETIVOS.....	13
1.3 HIPÓTESE.....	14
1.4 A DISPOSIÇÃO DO TRABALHO.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 PERCURSO HISTÓRICO DA NEUROLINGÜÍSTICA.....	16
2.2 NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA.....	18
2.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A AFASIA E O AFÁSICO NA VIDA EM SOCIEDADE E ENQUANTO TAL DEVE SER ENCARADA.....	24
2.4 A ENTOAÇÃO E A TESSITURA:.....	27
2.5 A ORALIDADE E A ESCRITA NAS AFASIAS.....	29
3.UM ACOMPANHAMENTO À LUZ DA NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA.....	35
3.1 APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA.....	35
3.2 UM ESTUDO APURADO NO DETALHE.....	35
3.3 CONHECENDO O SUJEITO OJ.....	37
3.3 ENCONTRO ENTRE SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS E REENCONTROS COM A LINGUAGEM.....	39
3.4 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS.....	40
4 O QUE NOS MOSTROU A ESCRITA E A ORALIDADE DE OJ: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
5.1 AS HIPÓTESES LEVANTADAS.....	69
5.2 AS QUESTÕES QUE SE APRESENTARAM NAS ANÁLISES.....	69
5.3 CONCLUSÃO.....	70
ANEXOS.....	73
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	73
ANEXO B - MODELO DE REGISTRO DE TRANSCRIÇÃO.....	76

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 PRIMEIRAS PALAVRAS

É por meio da linguagem que o homem se comunica, toma conhecimento de várias informações e expõe suas opiniões no mundo. Há várias formas de se colocar no mundo com a linguagem, como por exemplo, por meio da oralidade, da escrita, dos desenhos, por meio de sinais e várias outras combinações que dão forma à linguagem.

Neste trabalho, tivemos como objeto de estudo a linguagem escrita de OJ, como estratégia para a realização da oralidade, e tentamos compreender o seu funcionamento através da observação de suas manifestações na afasia. Para tanto, adotamos o conceito de linguagem estabelecido por Franchi (1977), no qual ele afirma que a linguagem “é um trabalho que dá forma ao conteúdo variável de nossas experiências”, e é desenvolvida continuamente, levando em conta fatores históricos, sociais e individuais.

A presente dissertação tem como aporte teórico a Neurolinguística Discursiva (ND), que, conforme afirma Coudry (1988), realiza um trabalho que toma como base as teorias e práticas que defendem uma concepção de linguagem que relaciona língua, discurso, cérebro e mente, assim como, também, definida por Franchi (1977). E é nessa relação da linguagem juntamente com os estudos realizados por Luria (1984) e Freud (1891), sobre o funcionamento dinâmico e integrado de cérebro e mente, os quais afirmam que a linguagem está presente em todo o cérebro e funcionam por meio de associações, estudos que se contrapõem a uma visão localizacionista, que fundamentamos este trabalho.

1.2 OBJETIVOS

O nosso objetivo geral foi analisar se a escrita poderia ser utilizada como suporte para a (re) estruturação da oralidade afetada pela afasia. No contexto em que as atividades estimulam os indivíduos a colocarem a língua em funcionamento, a escrita pode ser utilizada como uma “ponte” de acesso para a oralidade que se encontra alterada pela afasia? No caso, a afasia pode ser amenizada, e a linguagem afetada pode ser (re) estabelecida ou (re) organizada por meio da leitura e da escrita? Com a finalidade de inserir o sujeito afásico em práticas sociais via oralidade, nos colocamos no papel de mediadores, auxiliando-o, por meio de atividades contextualizadas, na reorganização de sua oralidade. Para alcançar o objetivo geral, perseguimos os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever as características da afasia que o acometeu;
2. Identificar as dificuldades de escrita e a sua utilização;
3. Analisar as situações do uso da escrita e da fala;
4. Analisar em que medida e como a escrita pode restabelecer e reorganizar a linguagem.

1.3 HIPÓTESE

A hipótese, inicialmente defendida, foi a de que a escrita poderia ser utilizada como uma ponte para acessar a oralidade. O cérebro humano é composto por neurônios ligados por várias conexões sinápticas e estas são capazes de criar novos caminhos para compensar a área afetada, então acreditávamos que uma das formas de reorganizar a linguagem oral poderia ser por meio da escrita.

A nossa hipótese se fundamentou nos estudos de Luria (1984) e Freud (1891), nos quais eles afirmam que a linguagem está presente no cérebro, mas não de forma localizada e que seu funcionamento depende de várias associações que se estabelecem. Luria afirma que o cérebro funciona como uma orquestra sinfônica, na qual se um dos instrumentos falha há uma alteração no resultado final. Desse modo, acreditamos que a neuroplasticidade possibilita a nova reestruturação da linguagem.

Esta dissertação está organizada em 4 capítulos. Segue uma síntese dos principais pontos que serão abordados em cada um deles.

1.4 A DISPOSIÇÃO DO TRABALHO

No capítulo 2, apresentaremos o referencial teórico utilizado para realização deste trabalho. Inicialmente, buscaremos apresentar um breve resumo do percurso histórico da Neurolinguística e, principalmente, o caminho que foi percorrido até que fosse instituída a Neurolinguística discursiva. Para tanto, nos pautamos nos estudos de Coudry (1988) e fizemos uso das definições e discussões que essa vertente adota. Faremos, ainda, algumas considerações em relação à Neurolinguística Discursiva, na qual ela apresenta discussões relacionadas à prática utilizada para realização de trabalhos voltados para as patologias da linguagem. Estarão expostas, também, considerações importantes sobre alguns pontos relevantes para o estudo específico do caso (OJ), como por exemplo, oralidade, escrita e prosódia.

No capítulo 3, exporemos a metodologia utilizada para o desenvolvimento do acompanhamento e estudo de caso, a relevância do estudo para a sociedade e para este trabalho. Discorreremos sobre o acompanhamento longitudinal para coleta de dados e sobre todo o processo realizado para atender à prática metodológica que escolhemos, a ND.

No capítulo 4, apresentaremos o sujeito afásico que participou voluntariamente deste trabalho e possibilitou a coleta dos dados. Serão expostas, ainda, as características da linguagem alterada pela patologia que acometeu o sujeito, enfatizando as principais marcas que fazem parte de sua particularidade linguística. Estarão em evidência os dados selecionados para esta pesquisa. Os dados estão distribuídos em figuras e quadros com legendas, quando necessário, para facilitar o entendimento do leitor, buscando, na medida do possível, resgatar a sessão de acompanhamento, colocando-a em palavras, diante dos olhos do leitor. O recorte da sessão estará organizado da seguinte forma: Período que foi realizada a sessão, legendas, contexto em que foi retirado o dado, dado-achado e análise.

Ao final, no capítulo 5, será discutida a hipótese levantada inicialmente, as questões que surgiram no decorrer do trabalho e o que foi possível concluir ao fim do trabalho proposto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PERCURSO HISTÓRICO DA NEUROLINGUÍSTICA

Uma coisa é localizar no cérebro áreas que, prejudicadas, perturbariam a linguagem e demais processos cognitivos; outra coisa, bem diferente, é localizar de maneira precisa a linguagem no cérebro.

(Edwiges Morato)

O estudo acerca da Neurolinguística Discursiva nos remete a conhecer o percurso da Neurolinguística enquanto disciplina de fronteira da ciência Linguística. De acordo com Morato (2001, p.11), “a história da Neurolinguística remonta, de fato, a história do homem como ser pensante”. Os sacerdotes egípcios já realizavam alguns estudos que relacionavam as funções do cérebro aos comportamentos humanos, embora não considerassem a linguagem como uma faculdade mental, mas sim, como algo divino, inato, invisível e impossível de ser estudado. Então, para os antigos, a linguagem não se relacionava com a mente humana, fato que hoje foi desmitificado, após vários estudos relacionados ao tema. Segundo Morato (2001), atualmente considera-se que:

[...] há uma relação estreita entre linguagem e cérebro, ancorada na inter-relação de diferentes áreas do córtex e na interdependência de múltiplos processos ou funções cognitivas (como memória, linguagem, percepção etc.) que atuam em nossas várias formas de perceber o mundo. [...]. (MORATO, 2001, p.144).

As questões que relacionavam o corpo e a mente são a base de nossa tradição científico-filosófica, mas os estudos sobre os problemas do cérebro-linguagem começaram a desabrochar no século XIX e foram chamados de Frenologia. A disciplina surgiu e ampliou seu interesse com o intuito de descrever algumas alterações da linguagem, decorrentes de lesões cerebrais.

As descrições minuciosas das alterações da linguagem, feitas por médicos patologistas, acabaram dando origem a afasiologia, responsável pelos estudos sistemáticos das afasias. Os estudos realizados tinham como objetivo relacionar determinadas áreas do cérebro com a linguagem, ou melhor, localizar a linguagem no cérebro. A partir do momento que surge a afasiologia, surgiram vários estudos de processos linguísticos e estudos relacionados à cognição do cérebro humano, tanto o normal, como o patológico. Nesse entremeio de estudos da ciência médica e estudos linguísticos, nasceu a Neurolinguística.

De acordo com Coudry (1988), nesta época, estes estudos linguísticos estavam voltados para o Curso de Linguística Geral, no qual Saussure delimitava o objeto de estudo da Linguística, a língua. O linguista postulava várias dicotomias e entre elas estava a “langue” e “Parole”, respectivamente, língua e fala. Para Saussure, esta separação era primordial, porque naquele momento o seu interesse era estudar a língua como sistema, mas ele jamais desconsiderou a fala, apenas a deixou de lado. De acordo com Coudry (1988), os estudos de Saussure atrasaram o desenvolvimento dos estudos da Neurolinguística, porque muitos estudiosos escolheram seguir o mesmo caminho do estruturalista, quando os interesses não eram os mesmos. Nos estudos voltados para as patologias da linguagem, principalmente nas afasias, na qual há um problema na linguagem, não é possível deixar o sujeito falante de lado. Coudry afirma que estudos feitos por Luria, por exemplo, já mostravam a eficácia do acompanhamento longitudinal dos sujeitos acometidos por determinadas patologias da linguagem, mesmo não sendo este o interesse do médico naquela época. Partindo, então, dessas observações, Coudry (1986), faz algumas críticas à Neurolinguística tradicional, sobretudo acerca do modo como sujeitos com problemas na linguagem são avaliados.

Coudry e Possenti (1986) discorrem sobre esse assunto, criticando, principalmente a avaliação baseada em uma linguística das formas, que pressupõe somente a língua internalizada, capaz de formular sentenças perfeitas, de acordo com as regras determinadas. Para eles:

A avaliação deve ser considerada como um processo multidirecional (e unidirecional como os testes que apontam a falha, a falta), pois o objetivo é detectar os processos discursivos que foram ou não afetados e os processos discursivos alternativos que os pacientes passam, possivelmente, a utilizar, de acordo com a gravidade e a natureza de sua patologia. Nesse sentido, a avaliação constitui-se numa mediação estruturante pela qual o examinador e o paciente conhecerão as alterações dos processos de significação ocorridas no sujeito após seu distúrbio. (COUDRY e POSSENTI, 1986 p.105).

Segundo Morato (2001), a Neurolinguística moderna interessa-se por estudos relacionados ao processamento da linguagem normal e patológica, mediante modelos criados não só pelo campo linguístico, mas também por outros campos, como a Neurociência, Neuropsicologia e Psicologia Cognitiva, tendo o foco em questões de agramatismo e parafasias; estuda também as repercussões dos estados patológicos e do funcionamento da linguagem, buscando fundamentações teóricas linguísticas, faz estudos sobre os processos alternativos da linguagem (os verbais e não verbais), trazendo discussões sobre a forma como se avalia ou diagnostica os dados linguístico-cognitivos no campo clínico e linguístico; tece discussões

sobre aspectos éticos e socioculturais relacionados a contextos normais ou patológicos, analisando os metadiscursos clínico-médicos sobre os distúrbios e as orientações terapêuticas e estuda ainda os processos discursivos que relacionam linguagem e cognição. Os estudos, com base em dados obtidos em contextos patológicos, são úteis para uma melhor compreensão do funcionamento normal da língua.

A crítica feita à Neurolinguística Moderna, principalmente se referindo ao tipo de avaliação a que são submetidos os sujeitos acometidos por determinadas patologias da linguagem, serviu de estímulo para que Coudry (1988) pudesse propor um quadro teórico, no qual ela sugere uma prática avaliativa que considera e inclui o sujeito como agente do discurso. A prática foi realizada na UNICAMP e nomeada como Neurolinguística Discursiva (ND).

2.2 NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA

“A linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução”.

(Roman Jakobson)

A Neurolinguística Discursiva (ND) se contrapõe a uma avaliação linguística com base nos testes-padrão e a aplicação de determinados modelos teóricos linguísticos com enfoque metalinguístico em sujeitos acometidos por patologias da linguagem. Coudry (1988), a precursora da ND, apresenta, em seu livro: *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*, uma prática clínica avaliativa, que propõe um trabalho com a linguagem incluindo o sujeito e priorizando as interlocuções e as ações deste sujeito sobre a língua. Para fundamentar o seu trabalho, a autora resgatou teorias relacionadas aos estudos linguísticos, com o intuito de teorizar a prática que realiza.

Ao resgatar teorias que pudessem dar conta das questões apresentadas, Coudry (1988) rejeita concepções de língua e linguagem que possam excluir os aspectos históricos e sociais da linguagem, para ela a língua se estabelece em coletividade e para atender necessidades que fazem parte de aspectos culturais de um povo, assim, a língua é uma forma de admissão cultural e de socialização. Desse modo, ela afirma que “(...) a língua é resultante desse trabalho coletivo e histórico, de uma experiência que se reproduz e se perpetua”. Coudry (1988, p.56), discorrendo sobre o conceito de língua adotado pela ND afirma que:

A língua é um sistema o que implica organização entre seus elementos em relações que se estabelecem historicamente - um sistema *plástico* (aberto como define Geraldini 1991 (1993) e, por isso, passível de mudanças (em certas direções e não em outras) em função da relação que há entre o conhecimento que o sujeito tem do sistema e o uso que faz dele. Isso mostra então, a heterogeneidade da linguagem. (COUDRY, 2010, p.29)

Ela reitera que:

(...) O que deriva do social, pois, não é a língua enquanto sistema, mas as regras sociais do jogo da linguagem que se originam na prática com a linguagem. Regra não é uma lei formal de correspondência entre categorias e um sistema abstrato. (COUDRY, 1988, p.56)

Segundo a autora, a língua, enquanto sistema, não deriva do social, o que deriva do social são as regras do jogo da linguagem, estas podem ser modificadas. Há várias formas de utilizar a linguagem, mas o objetivo a ser alcançado é o mesmo, produzir sentido para inserção no mundo com a linguagem. A linguagem pode ser comparada a um jogo e há várias formas de jogar, e um objetivo.

O conceito de linguagem que embasa a ND é a mesma apresentada por Franchi (1977). Para esse linguista, a linguagem está sempre inacabada, a construir. Franchi afirma que:

Não há nada de imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos 'cortes' metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal, salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que dá 'forma' ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do 'vivido', que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a oralidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 1977, P.22)

Esta abordagem discursiva da Neurolinguística nos permite olhar de modo abrangente para a linguagem, mostrando que o trabalho realizado pelo homem sobre esta é criativo e dotado de novas experiências que se materializam continuamente. Olhar para o sujeito como criador, retificador da linguagem abre margens para uma interpretação que abarca todos os processos alternativos de significação, pois, ao dar forma ao conteúdo de suas experiências ele agirá de forma particular, de acordo com sua história na sociedade.

Para materializar nossas experiências, podemos utilizar várias modalidades da linguagem, mas o uso da modalidade oral é primordial. É falando que nos inserimos,

interagimos, demonstramos a subjetividade em sociedade. Perder a capacidade de se colocar no mundo com a linguagem oral é praticamente perder a capacidade de se representar nele. A afasia, sequela que afeta a linguagem, foi e continua sendo uma patologia investigada por muitos linguistas. Coudry (1988) caracteriza a afasia como:

(...) alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação. (COUDRY, 1988, p.5)

A afasia é campo fértil para estudos relacionados ao funcionamento da linguagem, pois, como afeta a linguagem de várias formas e sempre mostra as dificuldades encontradas, quando há uma lacuna, e quais os recursos utilizados para manter o seu funcionamento, mesmo quando nem todos os recursos que a língua oferece estão disponíveis.

Coudry (1988) não poderia deixar de inserir os estudos de Roman Jakobson no seu trabalho, pois, este autor foi um dos primeiros a considerar que não é possível estudar as patologias da linguagem sem a presença de um linguista. Roman Jakobson é considerado um dos maiores linguistas da atualidade e trouxe ideias inovadoras para sua época, algumas ideias formuladas por ele contribuíram muito para os estudos linguísticos. Dentre os estudos realizados por Jakobson, trazemos, à luz da ND, para esta dissertação, algumas definições ou considerações que ele fez em relação aos distúrbios da fala.

Os distúrbios da fala estavam limitados aos estudos das afasias, que, inicialmente eram realizados somente pela área médica. Jakobson (1965) realizou um grande feito para o avanço desses estudos, pois ele foi o primeiro linguista a realizar um trabalho sobre a afasia no qual ele afirmou que:

Se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem (...). (JAKOBSON, 1965, p.34)

Para estudar os distúrbios da linguagem é necessário saber, em primeiro lugar, quais são as características da ruptura e o que deixou de funcionar. Para isto, é necessária a presença do Linguista, pois este poderá ter uma visão mais detalhada e precisa, já que a linguística, segundo Jakobson (1965,p.35),“interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem

em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução”.

O autor fez uma importante classificação das afasias sobre este aspecto. Para tanto, ele afirmou que os distúrbios da fala podem comprometer o desempenho do sujeito em termos de seleção e combinação e os classificou como distúrbios da similaridade e distúrbio da contiguidade.

No distúrbio da similaridade a parte de seleção é afetada e o sujeito, segundo Jakobson, apresenta problemas para escolher os sintagmas. Nesse caso, o contexto e a fala do outro facilitam o desempenho do falante acometido por esse tipo de problema. No segundo, o da contiguidade, a parte de seleção está perfeita, mas a da combinação, responsável pela constituição dos enunciados está comprometida. O sujeito terá problemas para combinar os sintagmas e, dessa maneira, realizará frases agramaticais, as sentenças tendem a diminuir ou desaparecer.

Ele asseverou que, basicamente, mesmo entre a imensa variedade de afasias, um desses campos estaria comprometido. E que a base para se compreender um caso de afasia seria sempre avaliar em qual desses aspectos estaria havendo falhas. Ele também fez menção aos polos metafóricos e metonímicos relacionando-os com as relações de simultaneidade e contiguidade. Sujeitos com problemas de seleção, provavelmente, terão dificuldades no polo metafórico e os com dificuldades de combinação, no polo metonímico.

As colaborações de Jakobson (1975) apontaram para uma análise da linguagem voltada para o uso e funcionamento da linguagem. Inferimos que, para observar qual parte da linguagem parou de funcionar é necessário olhar para o sujeito a partir de seus diálogos, pois, somente assim, é possível identificar tais aspectos.

Pensando, também, nesses dois aspectos de análise, a ND busca identificar quais são as dificuldades dos sujeitos afásicos e, ao identificar o fenômeno linguístico que se manifesta em cada afásico, busca trabalhar com esse sujeito de forma contextualizada fazendo com que sua linguagem seja estimulada mesmo em meio à sequela.

Outro grande inspirador da ND foi Alexander Romanovich Luria (1981), um neuropsicólogo, que apresentou em seu livro: *Fundamentos de Neuropsicologia* grandes colaborações para os estudos das afasias e conseqüentemente para a ND. Esse livro apresenta um estudo do cérebro, de sua estrutura e de sua organização funcional. Esse autor se contrapõe aos localizacionistas de sua época, que objetivavam relacionar o local da lesão cerebral com a função desta no cérebro. O autor formulou um conceito, no qual estabeleceu que os processos

mentais são realizados por meio de um *sistema funcional complexo*, onde as áreas trabalham em *concerto*. Nas palavras do autor:

Os processos mentais humanos são sistemas funcionais complexos e que eles não estão “localizados” em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em concerto, cada uma das quais concorre com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional. (LURIA, 1981 p.27)

Luria (1981) fez uma descrição dos processos mentais humanos denominando-os como um *sistema funcional complexo*. Além de se contrapor, em certa medida, aos localizacionistas, ele negou que os processos pudessem estar localizados em áreas restritas no cérebro e afirmou em sua teoria, que os processos funcionais da linguagem são realizados de forma sincrônica. O sistema que ele descreveu é composto, de forma hierárquica, por três unidades ou zonas, sendo necessária a participação conjunta para que o sistema funcione normalmente. Luria afirmou que há uma dependência entre as áreas para que a linguagem se realize. Diante disso, ele assegurou que quando há lesão em uma área, outras áreas, ou mesmo todo o sistema pode ser comprometido.

Essa ideia de funcionamento, na qual uma área depende da outra para funcionar, significou muito para os estudos sobre os distúrbios da linguagem, pois nem sempre a localização da lesão coincidia com os sintomas observados nos sujeitos cérebro-lesados, isso apontou um novo caminho para os pesquisadores da época.

A ND também se inspirou em Luria quando escolheu estudar a linguagem de sujeitos cérebro-lesados longitudinalmente. Esse médico observou e descreveu casos de soldados vítimas de lesões sofridas na Segunda Guerra Mundial. Oliver Sacks (2008), no prefácio de sua autoria, encontrado no livro *O homem com um mundo estilhaçado*, de Luria, discorre sobre este afirmando que:

A vida toda Luria empenhou-se em estudar o pensamento, a percepção e a ação do ser humano, os modos como podem ser danificados ou transtornados e os modos como podem ser reconstituídos depois de danos produzidos por ferimentos ou doenças. (SACKS, 1987, p.9)

Luria escrevia livros clássicos, considerados científicos e romances, nos quais ele escrevia histórias descrevendo casos de sujeitos com ferimentos cerebrais ou doenças. Casos que acompanhou por mais de 30 anos. Sacks considerava ambas as obras importantes, considerando os romances uma forma de ciência diferente que servia de

complemento à ciência tradicional. Ao descrever esses casos, pudemos perceber que Luria considerava importante a presença das descrições detalhadas dos casos em seus estudos.

Sempre tive a consciência de que uma boa descrição clínica dos casos desempenha papel predominante na medicina, especialmente em neurologia e psiquiatria. Infelizmente, a capacidade de escrever, tão comum nos grandes neurologistas e psiquiatras do século XX... praticamente se perdeu nos dias de hoje...(LURIA,2008,p.12)

A ND segue este mesmo pensamento ao acompanhar longitudinalmente os casos de sujeitos acometidos por patologias linguísticas, descrevendo as características dos fenômenos, observando as lacunas e dificuldades dos sujeitos e, principalmente, enfocando nos mecanismos utilizados nas reconstruções da linguagem.

Coudry (1988) apresentou uma prática de acompanhamento longitudinal, na qual, a partir de atividades contextualizadas, os sujeitos são estimulados a realizar atividades que possam estimulá-los a colocar a linguagem em funcionamento, usando os mais variados recursos, e assim, o pesquisador pode observar e descrever as características do caso e realizar intervenções que o auxiliem em suas dificuldades.

Freud (1977) apresentou um aparelho de linguagem que funciona por meio de associações. Ele afirmou que a afasia é uma interrupção nas associações relacionadas à palavra, e faz uma comparação da afasia com a construção e aprendizado da linguagem na infância. Ele explica que ao adquirir a linguagem, na infância, por meio de associações da palavra em relação aos objetos, o aparelho de linguagem segue uma ordem hierárquica. Já nas afasias há uma desintegração da linguagem de forma aleatória, desse modo, pode haver problemas associativos em várias ordens. O que nos chama atenção, em especial, é o que ele nos apresentou a seguir:

[...] a patologia das perturbações da linguagem não faz mais que repetir uma situação que se apresenta normalmente durante a aprendizagem de funções da linguagem [...] a única diferença está no facto de no aprender estarmos ligados à hierarquia existente dos centros que iniciaram a sua função em tempos diversos. (primeiro o sensorial acústico, depois o motor, mais adiante o visual e por fim o gráfico), ao passo que nos casos patológicos é chamado em auxílio em primeiro lugar o centro que permaneceu mais eficiente. (FREUD, 1977, p.29).

Freud afirmou que quando há desintegração no aparelho de linguagem, o centro associativo que se encontra menos eficiente e falho pode receber auxílio dos centros que estão mais eficientes. Esta ideia de funcionamento dinâmico mostra que novas associações e combinações são realizadas para que a linguagem se restabeleça. A ND também se apoia em

teorias freudianas, ao realizar a prática avaliativa que aposta no sistema funcional e na neuroplasticidade cerebral. Com base nestes elementos Coudry (1988) assegurou que os sujeitos, ao se depararem com situações adversas, conseguem driblar suas dificuldades, mediante a força criadora de que são dotados.

Então, ao buscar luz em antigas teorias como as colocadas por Luria, Jakobson e Freud, dentre outros que possam fundamentar sua prática, Coudry (1988) mostra que há muito tempo os distúrbios da linguagem já vinham sendo investigados e que trazem explicações e soluções para problemas que hoje se apresentam de forma latente nas avaliações de sujeitos com linguagem afetada.

2.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A AFASIA E O AFÁSICO NA VIDA EM SOCIEDADE E ENQUANTO TAL DEVE SER ENCARADA

“(...) a afasia não pode ser entendida apenas como um problema de saúde, ela é uma questão social”.
(Edwiges Morato)

Sabemos que a afasia é uma patologia que afeta, de muitas maneiras, a capacidade de expressar a linguagem e que o homem sem essa capacidade se verá em uma situação, no mínimo, perturbadora. O sujeito afásico é um sujeito que convive com o outro, que tem uma história afetiva, ou seja, que tem um ponto de vista tanto histórico como psicoafetivo. Um indivíduo que tem forças para agir no cotidiano, como também é dotado de várias fragilidades como todos nós.

Ter a linguagem limitada é perder, de certa forma, a autonomia. A linguagem, da forma como é conceituada por Franchi, é resultado de um trabalho realizado paulatinamente no decorrer de uma vida. Cada ser humano constitui e aprimora sua linguagem de acordo com a sua realidade, suas opiniões, suas vontades. A linguagem é particular e interiorizada no ser, mantendo, desse modo, uma grande relação com o eu. Não poder se expressar linguisticamente é estar em uma condição, não inferior, mas diferente, na qual, sua subjetividade terá que percorrer vários caminhos para se exteriorizar novamente.

No livro intitulado: *Sobre as afasias e os afásicos*, organizado por Edwiges Morato, também pesquisadora da linguagem corrompida pela afasia, a autora define afasia a partir do livro *Diário de Narciso – Discurso e Afasia*, escrito por Coudry (1988):

(...) é uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto do seu aspecto produtivo (relacionado com a produção da fala), quanto interpretativo (relacionado com a interpretação e com o reconhecimento de sentido), causada por lesão estrutural adquirida no sistema nervoso central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVCs), traumatismos crânio encefálicos (TCEs) ou tumores. (MORATO, 2002, p.16)

A afasia, segundo Morato (2002), muitas vezes, encontra-se acompanhada de outras sequelas como, por exemplo: hemiplegia, dificuldades para utilizar os gestos, distúrbios de reconhecimento, falta de reconhecimento do problema pelo sujeito e problemas de deglutição. A afasia pode afetar a linguagem, tanto na compreensão como na produção e repercutir na fala, na escrita ou na leitura.

A patologia pode se manifestar em graus diversificados, sendo que nos graus mais severos, a fala se apresenta fragmentada. Os afásicos costumam evitar os diálogos e, quando o fazem, têm suas produções resultadas em parafasias. De acordo com Freud (1977, p.35), devemos entender por parafasia: “Uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por uma outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação com a palavra exacta”, a substituição ou troca pode ocorrer entre palavras, sílabas ou letras, tanto na fala como na escrita.

Coudry, em uma conferência no Medinesp, concordando com Freud, também afirma que a parafasia é um fenômeno que está presente na fala de pessoas que não foram acometidas pela afasia. Realmente é muito comum em momentos de estresse ou situações parecidas, trocarmos uma palavra por outra ou então depararmos com episódios em que nos encontramos com a palavra “na ponta da língua” e, ainda assim, não conseguimos pronunciá-las. A autora ressalta que não se trata de uma afirmação de que a patologia não exista, mas sim, de que no sujeito afásico o fenômeno ocorre com mais incidência e o afásico encontra mais dificuldade para sair desta situação.

Ao se tornar afásico, o sujeito passa por várias mudanças, tanto em aspectos individuais como sociais. Sampaio (2010, p.51), que analisa uma comunidade de fala entre afásicos e não afásicos observa que: “(...) o afásico passa por um distanciamento da sociedade ou a sociedade se afasta dele (ou há afastamento de ambos).” esse afastamento contribui para que o sujeito tenha mais dificuldades, pois ao se afastar da sociedade e, assim, deixar de colocar a língua em funcionamento, o sujeito acaba se fechando e perdendo suas funções na sociedade. Dessa forma, é necessário que a sociedade se aproxime de conhecimentos relacionados à condição enfrentada pelos sujeitos afásicos.

Segundo Morato (2002), a discriminação é uma das piores mazelas que a afasia pode causar. A autora afirma que a discriminação acontece, muitas vezes, por falta de informação sobre a afasia. Ela afirma que:

Por ignorarem o que seja a afasia, até mesmo familiares e amigos de afásicos acabam por discriminá-los. Como consequência, eles se sentem sós e a partir daí surgem mais e mais dificuldades na realização de pequenos feitos do cotidiano (comprar pão, preencher um cheque, dirigir um carro, falar ao telefone, fazer e receber visitas). (MORATO, 2002, p.19).

O distanciamento da vida em sociedade, com o tempo, acarreta pioras no funcionamento da linguagem, pois os meios de comunicação não verbais que são utilizados até por não afásicos acabam sendo descartados pelo sujeito afásico o que o impossibilita de traçar novos caminhos. Os gestos, as pantomimas, a entoação, a escrita, a leitura, dentre outros que fazem parte das diversas possibilidades linguísticas acabam desaparecendo.

Coudry (2002, p.382) nos diz que “(...) se antes a fala transcorria como natural, com todas as marcas da fala humana, no estado afásico as palavras não estão mais tão à disposição de quem fala (...)” e o afásico terá que reconstruir sua linguagem em meio à sociedade. Na afasia, as palavras que antes eram velhas, agora soam como novas. Muitas vezes o sujeito sabe o que quer dizer, mas os gestos articulatórios antigos lhe faltam o que resulta automaticamente em novos arranjos que se configuram em parafasias, atos falhos e estereotípias. As estereotípias são caracterizadas por Freud (1977) como restos de linguagem. Ele afirma ainda que a estereotípia, repetição de segmentos, palavras ou frases com significados ou não, faz parte da desintegração do aparelho de linguagem que, segundo ele, acontece como o processo de aquisição de linguagem ao contrário. Os atos falhos são resultado da subjetividade da linguagem. Os afásicos ao pronunciarem estereotípias que soam, inicialmente, como palavras sem sentido para o nosso idioma, são ressignificadas pelos ouvintes a partir da comparação e interpretação da entoação que essas “não palavras” carregam com as que conhecemos na nossa língua.

2.4 A ENTOAÇÃO E A ESCRITA:

“Assim como na música, pode-se considerar que a fala tem melodia”.

Massini-Cagliari e Cagliari

A Neurolinguística Discursiva é uma disciplina de fronteira. Desse modo, está sempre dialogando com outras áreas de conhecimento, principalmente com as áreas das disciplinas de

base da Linguística. Dentre as várias áreas que realizam estudos linguísticos, a fonética é considerada de suma importância para os estudos das afasias, visto que é uma área que se dedica aos estudos dos sons da fala.

A fonética tem o objetivo de descrever os sons da fala mostrando de forma minuciosa como os sons são produzidos, inclusive observando a utilização do aparelho fonador, descrevendo a função de cada órgão e a maneira em que os sons são transmitidos pelos falantes e percebidos pelos ouvintes.

A fonética está voltada para a produção, percepção e sons da fala e, segundo Cagliari (1992), para que os estudos se realizem, a fala é dividida em partes menores, denominados segmentos, que são as consoantes e as vogais. As unidades maiores que os segmentos são chamados de elementos suprasegmentais ou prosódicos, que podem ser de dois tipos: Os elementos que alteram os segmentos como palatalização, nasalização e labialização ou os elementos que caracterizam unidades maiores que os segmentos.

Dando continuidade a uma tradição fonética, Cagliari (1992) elenca os elementos suprasegmentais prosódicos em grupos, são eles:

- a) Elementos da melodia da fala: tom, entoação, tessitura.
- b) Elementos da dinâmica da fala: duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, ârsis/tesis.
- c) Elementos da qualidade da voz: volume, registro, qualidade da voz.

Tencionamos, aqui, fazer um breve comentário sobre dois elementos do grupo a: entoação e tessitura, que estabelecem entre si um importante ponto de contato: A variação da frequência fundamental (F_0). De acordo com Massini-Cagliari e Cagliari (2001), a entoação é construída mediante a variação da F_0 nos limites do enunciado, e a tessitura com as variações entre a frequência mais baixa e mais alta.

A entoação e a tessitura se destacam por ocuparem um lugar importante na língua. A partir dos elementos prosódicos, em situações de uso e funcionamento da linguagem, é possível identificar marcas e atitudes do falante na língua. No português do Brasil, a entoação tem a função de diferenciar enunciados por meio das curvas ou contornos melódicos obtidos através dos valores da F_0 .

Ao mensurar os valores da F_0 , observando as variações dos valores iniciais e finais dos sons de determinadas orações ou palavras, é possível identificar se possuem características de enunciados interrogativos, afirmativos ou exclamativos. Cagliari (1992) afirma que a entoação se dá por meio de padrões entoacionais que são caracterizados por grupos tonais (GT). Estes grupos tonais são divididos em componentes pretônicos e tônicos, ou seja, são observadas as

sílabas mais fortes e mais fracas e as variações do nível melódico através das curvas ascendentes ou descendentes.

Cagliari (1992) afirma que, dentre os padrões estabelecidos, há um tipo que prevê que certos enunciados são carregados de diferenças sintáticas e acrescenta, ainda, que frases interrogativas possuem um contorno melódico ascendente, ou seja, no início da curva melódica o valor da F_0 será menor e ao decorrer da curva os valores irão aumentar. Nas frases afirmativas e exclamativas, o contorno melódico será descendente, ou seja, o contorno se inicia com uma F_0 maior que a final.

Em relação à tessitura, Cagliari (2001) afirma que ela abrange o intervalo entre a F_0 mais alta e a F_0 mais baixa. Segundo este mesmo autor, o falante mantém uma média padrão contínua no fluxo do discurso, estabelecendo, quando necessário, uma variação brusca descendente ou ascendente, de acordo com sua intencionalidade. O falante pode aumentar ou abaixar a altura da voz com o intuito de chamar atenção do ouvinte, por exemplo, ou mesmo aumentar a altura da voz quando quer se sobrepor a fala do outro, pretendendo chamar atenção sobre o que quer falar. Pacheco (2006), discorrendo sobre a percepção da fala, afirma ainda que:

(...) situações de interações comunicativas são fortemente marcadas por determinados padrões prosódicos. Nesse sentido tem-se, de um lado, uma atitude do falante e um padrão prosódico específico, do outro, tem-se a percepção desses padrões prosódicos que devem, teoricamente, permitir a pessoa que ouve identificar o comportamento do falante. (PACHECO, 2006, p.102)

Desse modo, os elementos prosódicos como tessitura e entoação são determinantes para o significado ou sentido pretendido pelo falante. De acordo com o que se pretende dizer, com movimentos da laringe e pregas vocais pode aumentar ou diminuir os tons da fala e, desse modo, facilitar a compreensão dos interlocutores que partilham do mesmo código linguístico.

Neste trabalho, as discussões sobre tessitura e entoação se tornaram importantes, a partir do momento que, no acompanhamento com o sujeito afásico, foi observado uma grande incidência de uma determinada estereotipia. A estereotipia utilizada pelo afásico acompanhado não possui um significado lexical. Percebemos, no entanto, que a entoação carregava uma pista para que pudéssemos compreender o que o sujeito pretendia dizer. Buscamos, na literatura, subsídios que estabelecessem a importância e o papel dos elementos prosódicos na linguagem.

2.5A ORALIDADE E A ESCRITA NAS AFASIAS

“Não há nada mais corriqueiro no nosso cotidiano do que falar e, em certos casos, escrever”.

(Luis Antônio Marcuschi)

Os estudos sobre a oralidade e a escrita, hoje, na maioria das vezes, não fazem sentido se não forem realizados numa perspectiva que faça referências às funções dessas práticas na sociedade contemporânea. São modalidades de linguagem que se misturam de forma natural na rotina do homem e que ocupam papéis importantes na língua.

Ao discorrer sobre algumas reflexões sobre o uso da língua, Marcuschi (2004) adota uma perspectiva que enfatiza a língua em funcionamento, considerando as ações do sujeito sobre a língua como fundamentais. Para esse autor, a fala e a escrita não devem ser analisadas somente de acordo com o uso das regras, das formas, e sim, a partir dos mecanismos que são usados para emitir sentido aos enunciados. Ele afirma que:

(...) são os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Portanto, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. (...). (MARCUSCHI, 2004, P.9)

O autor afirma que, para ele, não importa saber como se pode chegar a um texto ideal seguindo as regras, as formas, mas como construir um discurso significativo de acordo com as situações.

Marcuschi (2004) discorre sobre duas modalidades linguísticas: Fala e Escrita. Para tanto, ele relaciona, diferencia e define oralidade/letramento e fala/escrita dentro de uma perspectiva voltada para as práticas sociais ou letramentos. O letramento é conceituado por Marcuschi (2004) como “um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos”. Segundo esse autor:

Até mesmo analfabetos, em sociedades com escrita, estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou chamar práticas de letramento, isto é, um tipo de processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional. (MARCUSCHI, 2004, p.19).

Ao caracterizar o homem e diferenciá-lo de outros animais, podemos dizer que o homem é um ser que fala, pois, desde o nascimento, esta é desenvolvida, naturalmente nos primeiros anos de vida. A história da origem da fala remonta milhões de anos e não há relatos sobre quando ou se pôde ser desenvolvida fora do convívio social, porém, sabe-se que a fala é carregada de características individuais, como já afirmava Saussure (2006, p.28): “nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e momentâneas. No caso, não há mais que a soma de casos particulares (...)”. No entanto, acreditamos que a coletividade ou, ao menos, o contato com o outro é fator muito importante para que a fala seja desenvolvida, mas também sabemos que, ao produzir a fala estão em jogo vários fatores como, aspectos físicos e psíquicos que dependem de particularidades de cada pessoa.

A fala, modalidade linguística de primeira ordem, é definida por Marcuschi (2004), como:

(...) uma forma de produção textual discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. (MARCUSCHI, 2004, P. 25).

Marcuschi (2004) afirma que a linguagem oral é produzida por meio dos sons e por elementos prosódicos, que são naturais da própria língua e, ainda, é complementada por vários recursos de outras ordens como gestos, expressões faciais, movimentos com o corpo e a mímica. O homem, ao utilizar a fala, lança mão de vários recursos para dar sentido ao que pretende dizer e demonstra, por meio de particularidades, sua subjetividade.

Acredita-se que em todas as sociedades têm ou tiveram uma tradição oral, no entanto, não se pode dizer a mesma coisa em relação à escrita. A fala está cronologicamente em primazia em relação à escrita, a história da linguagem oral está sempre à sua frente, mas este fato não a torna superior. Segundo Marcuschi (2004), a escrita pode ser implantada e adotada em determinada sociedade de uma forma tão marcante podendo se sobressair em relação à oralidade. Esse autor define a escrita como:

(...) um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos) Pode manifestar-se do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica)

ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras(...). (MARCUSCHI, 2014, P. 26).

A escrita tem conquistado lugar na sociedade atual, mesmo sendo criada pelo engenho humano muito depois do surgimento da fala, é praticamente impossível não estar envolvido em práticas com a escrita no cotidiano. Ela se tornou imprescindível para a sobrevivência na modernidade e está no trabalho, na escola, no dia a dia, na família, na vida burocrática, em atividades intelectuais e nos meios religiosos. O ato de escrever não é tão natural como o da oralidade e para aprender a escrever é necessário ir para a escola, ter o auxílio de um professor, ser apresentado ao mundo das regras gramaticais, no entanto, com a ampliação do uso da escrita na sociedade, todos acabaram de certa forma, tendo que se adequar às novas regras. O uso da escrita foi se imbricando de tal forma com a oralidade que as pessoas começaram a transitar da fala para a escrita e vice versa de forma natural. Segundo Marcuschi (2004), a escrita utilizada, de forma geral, está desvinculada daquela adquirida na escola, baseada em regras e formas.

Com as práticas de letramento, que podem estar relacionadas à escrita, a fala e a leitura, é possível que as pessoas possam conviver em sociedade superando as dificuldades, inicialmente impostas pelo uso da leitura e da escrita, antes privilégio de poucos. O sujeito letrado, mesmo sem ter sido alfabetizado, é capaz de identificar os produtos de um supermercado observando mecanismos diversos como, por exemplo, conhecer qual produto deve-se levar de acordo com a cor, logomarca, tamanho e desenho das letras ou qual ônibus embarcar observando os números, tamanho da palavra ou cores.

Com os estudos que determinaram as práticas de letramentos, a fala e a escrita deixaram de ser vistas somente de forma dicotômica e conceituadas a partir de códigos que supervalorizavam a regras gramaticais, a linguagem falada e escrita começou a ser observada com base no uso e funcionamento da língua e como unidades que se complementam. São modalidades linguísticas de ordens diferentes, mas que não possuem características que possam as considerar dicotômicas e sim complementares.

Considerando a fala e a escrita como modalidades linguísticas que permeiam o humano e considerando-as sob uma perspectiva das práticas de letramento, façamos deste texto, também, um lugar para discorrer sobre questões relacionadas a essas modalidades nas afasias.

O início dos estudos acerca das afasias é marcado pelo interesse em estudar a oralidade, desse modo, a afasia há muito tempo, já vem sendo relacionada à oralidade em primazia. Ainda que, atualmente, muitos estudos linguísticos tenham mostrado que a linguagem oral e a linguagem escrita não são modalidades dicotômicas, e sim complementares, a Neurolinguística

moderna insiste em deixar essa relação à margem de sua literatura e em realizar os estudos das afasias voltados apenas para a oralidade e considerando-a em sua modalidade metalinguística.

Refletindo sobre as patologias de linguagem, Santana (2002) chama atenção para os estudos realizados sobre a modalidade escrita nas afasias. A autora aponta para a prevalência de uma relação da afasia com a oralidade, na qual, a escrita é, na maioria das vezes, deixada fora desses estudos. Ela afirma que:

(...) se a escrita também é um processo linguístico, significa que o termo “afasia” serviria tanto para designar alterações da linguagem oral quanto alterações da linguagem escrita. (SANTANA, 2002, P.17).

Segundo a autora, “quando se toma a linguagem como sinônimo de código ou como estrutura, vários fatos importantes afeitos a ela ficam excluídos”(Santana, 2002, p. 39). Nesse caso, a linguística não dá conta de descrever as várias faces do objeto linguístico. Para que as várias faces da linguagem possam ser consideradas dentro dos estudos linguísticos é necessário lançar mão de uma visão de língua e linguagem orientada de forma discursiva, levando em consideração o trabalho do sujeito e dos interlocutores.

A linguagem escrita deve ser tomada como prática social nas observações sobre a linguagem afásica. Há que considerar que a escrita só acontece por meio da subjetividade, de trabalho e de diálogos, pois ao escrever o sujeito sempre mantém uma relação dialógica com um interlocutor, ainda que seja com o próprio eu.

Ao observar a linguagem escrita nas afasias é imprescindível o olhar para o sujeito enquanto ser histórico que mantém relações com o mundo letrado desde o nascimento. Saber a trajetória dos sujeitos com a escrita antes e depois da afasia, investigar sobre o conceito de escrita para ele e como ele fazia uso da escrita e para que. Usava a escrita por diversão? Usava no trabalho? Usava por necessidade ou por prazer e quais são os hábitos com a escrita depois da sequelas? São perguntas que devem ser respondidas antes que um pesquisador ou terapeuta comece o trabalho com o sujeito. O uso da escrita não deve estar pautado nos códigos, mas sim, nos mecanismos que estão sendo usados para estabelecer sentidos. Assim como na linguagem falada, a produção da escrita também pode ser afetada com a afasia e a escrita pode se tornar confusa, embaralhada, fragmentada e cheia de parafasias. Para dar sentido a escrita, busca-se o apoio de elementos de outras ordens ou não como a fala, a prosódia e a leitura e também de modalidades não linguísticas como gestos, pantomimas, expressões faciais, sendo assim, é preciso olhar sempre para o conjunto com o intuito de entender o único.

Santana (2002) enfatiza que “a escrita também é uma forma de diálogo entre o escritor e o leitor” e quando se escreve tem-se objetivos a serem alcançados. Pode-se escrever para lembrar-se de algo, essa escrita pode estar abreviada e fugir das formalidades, assim como, também, pode se escrever um bilhete para um amigo. Já no caso de uma escrita para um desconhecido geralmente busca-se uma escrita mais formal. O afásico pode simplesmente escrever para falar com alguém, ou seja, escrever o que gostaria de falar, mas nem sempre a escrita está preservada, podendo estar, também afetada. Desse modo, há um movimento que mescla fala escrita, leitura e outros processos alternativos que possibilitam o sujeito a chegar ao seu objetivo.

De acordo com as colocações de Santana (2002), esses fatores não são observados pelos pesquisadores e terapeutas que não utilizam uma perspectiva discursiva da linguagem e, sendo assim, existe uma tentativa de (re) alfabetizar os afásicos como se eles nunca o tivessem sido. |O afásico tem a linguagem alterada pela sequela, mas as suas capacidades de escrita e oralidade continuam existindo, sendo elas, principalmente, concebidas em meio a práticas sociais do mundo letrado.

O pesquisador ou terapeuta não deve agir como um professor, aquele que ensina, que alfabetiza, que ensina falar “corretamente”, mas sim, um interlocutor, mediador que procura compreender o que está sendo dito por meio de vários processos que só existem pelo funcionamento flexível da língua e da linguagem.

3UM ACOMPANHAMENTO À LUZ DA NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA

“... ainda que seja necessário ler o visível, é crucial descobrir segredos”.
(Michel Foucault)

3.1 APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA

A presente pesquisa foi submetida à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) na Plataforma Brasil, que é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos, tendo sido aprovado e recebido o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 26689514.5.0000.0055. O sujeito assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), exigência do CEP e do CONEP.

3.2 UM ESTUDO APURADO NO DETALHE

Para realizar esta pesquisa acompanhamos um sujeito afásico, longitudinalmente, utilizando a prática avaliativa sugerida pela ND. A ND se caracteriza, principalmente, por realizar um trabalho que relaciona a prática avaliativa com a linguagem, acompanhamento longitudinal de sujeitos acometidos por patologias linguísticas e teorias que fundamentam e iluminam as análises dos dados.

A prática avaliativa utilizada no acompanhamento e estudo do caso para esta dissertação se contrapõe aos modelos de avaliação utilizados pela Neurolinguística tradicional, que se pautam em testes psicométricos que idealizam uma divisão “estrita entre o que é da ordem do normal e do patológico” (Coudry 2010, p.24). Esses modelos não consideram, em suas avaliações, os processos alternativos de significação utilizados pelos falantes, desse modo, acabam fazendo diagnósticos equivocados e diminuindo as chances de uma reestruturação da linguagem.

Ao se contrapor a estes testes, a ND realiza um trabalho, no qual considera a língua e linguagem como modalidades que se constituem a partir do trabalho criativo do homem em meio a suas experiências históricas, sociais e culturais. Coudry (2010, p.29) discorre sobre a concepção de língua questionando, que “se vários sujeitos podem escrever uma mesma coisa de um mesmo modo e não são uma única pessoa o que se pode dizer sobre a língua?”.

Ao avaliar a linguagem, são priorizadas as características individuais do sujeito, levando em consideração todos os processos alternativos de significação que são aplicados em função do trabalho do sujeito sobre a língua para driblar suas dificuldades.

Outro diferencial é o acompanhamento longitudinal, no qual o sujeito acompanhado terá tempo suficiente para fazer uso da linguagem e colocar em evidência as dificuldades e as estratégias que utiliza para sair das situações adversas. Para que isto aconteça, são realizados vários encontros para que o pesquisador e o sujeito se aproximem e se tornem cúmplices, possibilitando uma maior espontaneidade no uso da linguagem, ao contrário do que acontece nos processos avaliativos tradicionais, que avaliam a linguagem em poucas, ou mesmo numa única sessão.

Nos encontros realizados à luz da ND, objetiva-se estimular o funcionamento e uso da linguagem para que as dificuldades venham à tona possibilitando a coleta de dados pelo pesquisador atento. O tipo de dado coletado é o denominado *dado-achado*, estabelecido por Coudry (1996), a autora afirma que a interpretação ou transformação de um fato em dado acontece na prática e em dois tempos, no momento da interlocução e no momento da análise.

O papel do investigador é o de criar situações contextualizadas que, de certa forma, façam parte do cotidiano do sujeito e além de servir como avaliação possa estimular o exercício da linguagem, mesmo quando esta se encontra afetada. O investigador ocupa o papel de mediador. As observações avaliativas tem o objetivo de, ao evidenciar a dificuldade, direcionar o foco para um caminho que possa auxiliar o sujeito a se expressar novamente com a linguagem mediante processos alternativos linguísticos e não linguísticos que se combinam criando caminhos.

Ao determinar o conceito do dado-achado, Coudry (1996) afirma que o dado-achado dá visibilidade à relação recíproca entre teoria e dado, dentro de uma dinâmica mediada pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito imersos em práticas significativas, discursivas ancoradas em coordenadas ântropo-culturais.

Em meio ao trabalho realizado nas sessões de acompanhamento e com base nas teorias consultadas, o examinador “acha” o dado e o olhar lançado sobre o dado-achado faz toda a diferença, pois é a partir daí que se observa e traça-se o caminho alternativo para preencher as lacunas vigentes na linguagem patológica.

A pesquisa é realizada por meio das pistas encontradas na linguagem. Os indícios apontam para as hipóteses que são formuladas mediante um vasto arcabouço teórico que sustenta todo o processo de investigação. O indivíduo é avaliado de forma particular

priorizando sua própria história, sua personalidade, seus hábitos. Seus dados são únicos, singulares.

Coudry (2010, p.25) assegura que ela, assim como Ginzburg, partilha o conceito de “*rigor metodológico*” que é interpretado de forma flexível, visto que entram em jogo a intuição do investigador na observação do particular, sua capacidade de formular hipóteses para aspectos opacos da realidade que não são diretamente apreendidos, mas que podem ser descobertos através dos *indícios*. (Cf. COUDRY, 2010, P.26)

O historiador Carlo Ginzburg, em seu ensaio *Sinais – Raízes de um paradigma indiciário* discorre exatamente sobre a história de um modelo fundado no detalhe, que, segundo ele, existe desde o final do século XIX. Ele afirma que os indícios são importantes e podem revelar o que está opaco.

Muitas críticas são direcionadas aos estudos de caso, principalmente, porque se trabalha com um tipo de paradigma indiciário que faz uso de um rigor metodológico, que não é semelhante ao das pesquisas experimentais, que se baseiam em resultados quantitativos. Nos estudos de caso realizados pela ND, o que entra em jogo não são os valores quantitativos. Dessa forma, a análise dos dados se dá de forma qualitativa permitindo o ajuste na formulação das hipóteses explicativas para os aspectos da realidade da linguagem do sujeito em questão recuperados por meio dos dados achados.

O acompanhamento com base no dado-achado traz muitos benefícios para o sujeito acompanhado e para as pesquisas que envolvem patologias da linguagem, pois colabora para a literatura desenvolvida acerca do tema. Embora ainda seja alvo de muitas críticas por não apresentar resultados quantitativos, tem sido um campo de trabalho que só vem se expandindo na área de estudos linguísticos. Linguistas, fonoaudiólogos, médicos, alunos de graduação e pós-graduação e familiares estão entre os mais interessados em conhecer mais sobre esta prática.

3.3 CONHECENDO O SUJEITO OJ

O participante voluntário que foi acompanhado de forma longitudinal, possibilitando a realização da pesquisa e escrita da dissertação, é identificado como OJ. Estabelecemos referenciá-lo desta forma para garantir o sigilo de sua identidade. Trata-se de um homem de 35 anos, 1.80, casado, pai de uma menina de 12 anos, alfabetizado, inclusive possui o 1º grau incompleto, ou seja, estudou até a 5ª série. Reside em uma cidade próxima, com sua filha e esposa. A cidade está localizada a 182 km de Vitória da conquista, OJ faz uma pequena viagem

de aproximadamente 2 horas e 45 minutos toda semana para participar das sessões de acompanhamento.

OJ é uma pessoa muito vaidosa, amigável, carismática e brincalhona, às vezes até mais se parece com um menino. É também, explosivo e sabe reclamar sempre quando algo não lhe agrada, ficando nervoso se mostrando bem teimoso e turrão em suas opiniões. De acordo com o relato de OJ, juntamente com sua família, ele, após ter ido a uma festa e ingerido uma quantidade alta de bebidas alcoólicas, chegou a sua casa, deitou-se normalmente e horas depois acordou se sentindo mal e sem conseguir falar ou levantar-se da cama. Sua esposa o socorreu chamando um médico em sua casa. O médico, ao chegar e examinar orientou-os para que o retirassem da cidade que mora e o trouxesse para Vitória da Conquista. Foi preciso ficar um tempo no hospital aguardando uma vaga na UTI. Todos os exames solicitados pela equipe médica foram realizados.

O episódio ocorreu no dia 08-05-2011. No laudo médico, emitido no dia que OJ recebeu alta, 11-05-2011, consta que ele sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico, (AVCi) e que apresentava quadro de disartria e hemiplegia à direita. Verificando outros exames posteriores, vimos que o (AVCi) aconteceu devido a uma obstrução completa da artéria carótida interna esquerda e há diagnóstico de afasia de expressão.

O Acidente deixou sequelas como a hemiplegia e a afasia, desse modo, o sujeito não consegue exercer algumas das atividades que realizava antes da doença. Ele exercia a profissão de motorista de caminhão no supermercado do pai, e agora não trabalha mais formalmente e está aposentado. No início do acompanhamento, em relatório redigido por sua esposa consta que dentre as suas atividades preferidas estavam: Sair com os amigos, cuidar do carro, assistir jogos de futebol, e trabalhar. Com a limitação, ele agora não tem permissão médica para dirigir nem trabalhar. Sua vida mudou, está muito impaciente e nervoso e além de não poder dirigir também não pode exagerar na alimentação, sair à noite e ingerir bebidas alcoólicas. Tenta falar com os amigos, com muita dificuldade. A família estava procurando se comunicar com ele. De acordo com sua esposa: “Sempre perguntando o que ele quer. E tentando adivinhar suas palavras.”.

OJ começou a ser acompanhado no dia 29 de Setembro de 2011. Este sujeito está sendo acompanhado por pesquisadoras do ECOA, longitudinalmente, há três anos, o que totaliza, aproximadamente, 50 sessões.

Nos reunimos com este afásico uma vez por semana para realizar seu acompanhamento, as reuniões foram realizadas todas na sexta-feira, pois, segundo ele, seria mais fácil por morar em outra cidade e este ser o dia que não tem feira livre por lá. O que torna a cidade tumultuada.

Os encontros não foram tão curtos, porque, por morar longe e depender de carros da prefeitura de sua cidade, geralmente OJ acordava às três horas da manhã para se arrumar e viajar e chegava a Vitória da Conquista entre 08h40min e 09h00min. O carro só retornava para sua cidade as 12h00min horas. Desse modo, achamos melhor atendê-lo somente uma vez por semana fazendo uma sessão mais longa. O horário e o dia foram combinados entre OJ, nós e membros de sua família.

As sessões são alternadas em encontros individuais. Nas individuais se reuniram o sujeito acompanhado e nós, pesquisadora e orientadora e nas sessões em grupo se reuniram pesquisadoras do ECOA e sujeitos afásicos.

Os planejamentos foram realizados com o intuito de estimular o uso e funcionamento da linguagem do sujeito. Nas sessões individuais, o planejamento foi realizado por nós, pesquisadora e orientadora deste trabalho. Já nos encontros em grupo a organização foi coletiva.

Uma das ferramentas importantes para nós foi o uso da agenda. OJ foi orientado a levar a agenda e descrever sua rotina durante a semana, sugerimos que ele ou sua esposa o fizesse. Estas descrições foram úteis para que pudéssemos dar continuidade aos diálogos durante os encontros. Tínhamos sempre informações sobre as atividades novas que eram realizadas por OJ durante a semana.

3.3 ENCONTRO ENTRE SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS E REENCONTROS COM A LINGUAGEM

As sessões de acompanhamento são realizadas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), onde foi criado o Espaço de Convivência entre afásicos e não afásicos (ECOA). O grupo de pesquisadores é composto por alunas de graduação e Iniciação científica, alunas do programa de Pós – Graduação em Linguística e a professora coordenadora e líder do grupo Nirvana Ferraz Santos Sampaio. O ECOA atende um grupo de pessoas que foram acometidas por patologias da linguagem e tem como objetivo analisar a linguagem patológica, a fim de entender o funcionamento normal. Os participantes, acompanhados de seus familiares, inicialmente, passam por uma entrevista com a líder do grupo para esclarecimentos sobre as dificuldades que o sujeito tem sofrido em relação à linguagem, são também informados sobre o funcionamento do grupo e, posteriormente, por escolha própria, assinam um termo de consentimento livre e esclarecido para que os dados possam ser utilizados na pesquisa.

Os encontros acontecem semanalmente e são alternados em sessões individuais, com sujeito e pesquisador responsável por determinado sujeito, e sessões em grupo, quando todos se

reúnem para uma atividade geral. São realizadas atividades variadas como, por exemplo: Leitura de textos diversos, audição de músicas, jogos de tabuleiro, dinâmicas em grupo, exibição de filmes e vídeos de internet, reportagens, discussão de temas atuais de interesse geral, relatos de acontecimento de rotina, comemorações de aniversários e datas comemorativas. As atividades são contextualizadas e adequadas às preferências de todos os participantes, sempre enfocando em atividades que estimulem o uso e funcionamento da linguagem.

Os encontros em grupo tem uma duração de aproximadamente 2 horas e meia e os individuais 1 hora. As reuniões são registradas em aparelhos gravadores de voz e em algumas situações foi utilizada uma filmadora. Posteriormente, as gravações são ouvidas com atenção pelas pesquisadoras e os dados considerados relevantes são transcritos seguindo um modelo similar ao do banco de dados da UNICAMP. Após seleção dos dados, são realizadas as análises que são feitas a partir do movimento da teoria para o dado e do dado para a teoria.

3.4 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Os dados que nos direcionaram neste trabalho e que apresentam as principais características que marcam a afasia do sujeito OJ e suas particularidades serão expostos e organizados em quadros inspirados no modelo formulado e utilizado pelo banco de dados em Neurolinguística (BDN), contendo algumas adaptações consideradas necessárias para uma melhor compreensão do leitor. A escolha da sequência dos dados foi realizada com o objetivo de apresentar os processos alternativos que comprovassem a hipótese inicial. Diante disso, não houve uma sequência cronológica, mas sim uma preocupação em apresentar dados concernentes à proposta inicial.

Os quadros estarão organizados em seis colunas, seguindo a seguinte ordem:

- 1º Numeração representando os turnos de interlocução;
- 2º Siglas representando o nome dos interlocutores;
- 3º Transcrição das produções orais;
- 4º Observação sobre as condições de produção verbais;
- 5º Observação sobre as condições de produção de processos alternativos não verbais;
- 6º Tipo de processo alternativo utilizado para expressar a linguagem.

Os dados analisados estarão em evidência para facilitar o acompanhamento, pois serão apresentados dentro do recorte do contexto em que foram coletados. Abaixo de cada quadro serão dispostas a análise e a discussão dos dados.

Para a realização das análises relacionadas à estereotipia “PAQUI” apresentada por OJ, aplicamos o PRAAT que é um software aberto utilizado em análise e síntese da fala. Esse programa foi desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, do Departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã, e o seu foco principal é a análise sonora, através de parâmetros como frequência, comprimento de onda, decibéis etc. para mensurar os valores da frequência fundamental da curva melódica dessa produção oral de OJ.

4 O QUE NOS MOSTROU A ESCRITA E A ORALIDADE DE OJ: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A afasia é uma das sequelas deixadas pelo AVCi que acometeu o sujeito OJ. Esse sujeito teve sua linguagem oral comprometida e carregada de particularidades que terão possibilidades de reestruturação, com base no histórico de vida deste sujeito. A afasia aqui apresentada afetou drasticamente sua capacidade de expressar-se oralmente. A fala é fragmentada e reduzida, a dificuldade em articular as palavras faz com que venham outras em seus lugares, trazendo à tona as parafasias e estereotípias. Estas, por não serem compreendidas por seus interlocutores, são complementadas por meio da escrita, dos gestos, dos olhares, das expressões faciais, da entoação, dos desenhos e de muitas outras combinações que não podem ser descritas, por fazerem parte de uma linguagem que está sempre inacabada como afirma Franchi (1977), e, desse modo, sendo sempre moldada por quem a coloca em funcionamento.

Uma das marcas mais evidentes na linguagem do participante dessa pesquisa é a presença da construção verbalizada “Paquí”. A repetição de segmentos sem significação, a estereotípias, também conhecidos como “não palavra”, é uma das características da afasia do sujeito em questão. A construção que se apresenta sempre na linguagem oral, ocupando o lugar da palavra desejada, é sempre complementada com algum recurso linguístico, ou não, que se apresenta como processo alternativo de significação como, por exemplo, o desenho, a escrita, o apontar para pessoas ou objetos. O que chama atenção na estereotípias é que ela, na maioria das vezes, é significada com ajuda de um dos recursos da própria língua, neste caso, a entoação, que é um dos elementos estudados na prosódia.

Percebe-se que, de acordo com Cagliari (2002), as questões sobre significado estão relacionadas com a prosódia. No caso de OJ, o fator prosódico utilizado e que acaba sendo uma ferramenta no uso de sua linguagem é a entoação. Vejamos:

Sessão realizada em 2014

Legenda: Serão utilizadas as siglas OJ, para o sujeito e ILs e IVp para investigadoras.

Dado nº 1 “PAQUI”

Dado nº2 “do,do

Dado nº3 “nada, dava”.

Contexto: Nessa sessão, OJ é levado junto com RA, outro integrante afásico do ECOA, para conhecer uma pesquisadora da área de fonética. Planejamos o encontro para que eles pudessem se conhecer e tivessem uma conversa espontânea, deste modo, conversaram sobre temas

diversos. Apresentamos a seguir um recorte da sessão com dados significativos para o nosso trabalho.

Quadro nº1- “Trabalho com carteira assinada”

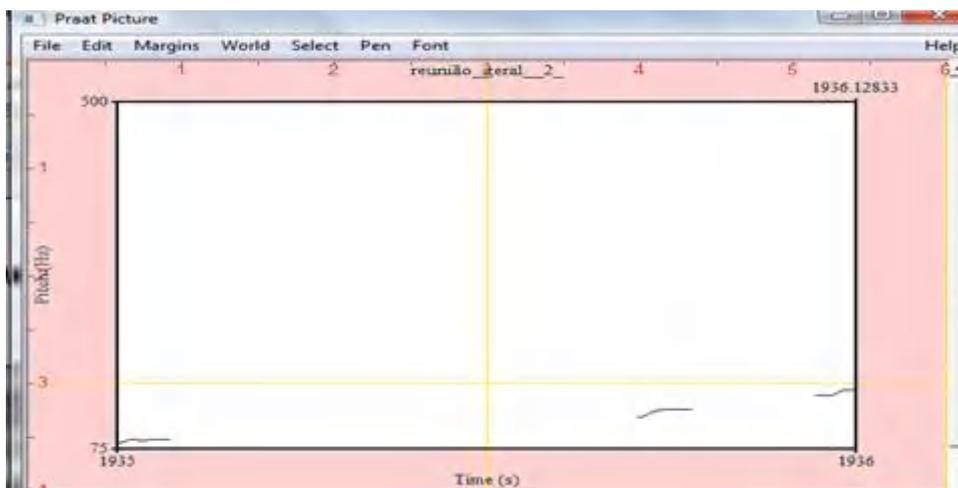
Nº da linha	Siglas do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não - verbais	Tipo de processo alternativo utilizado para expressar a linguagem
	Recorte...				
1ª	Ivp	Você trabalhava para você mesmo?	Vp questiona OJ sobre o seu trabalho antes do AVC.		Oralidade
2ª	OJ	<u>Paquí?</u>	A verbalização tem tom de pergunta		Oralidade
3ª	Ivp	Você trabalhava para alguma empresa ou para você mesmo?	Reformulação da pergunta		Oralidade
4ª	OJ	Não, do,do		Balança a cabeça negando	Oralidade e gesto
5ª	Ils	Você trabalhava e o caminhão era seu? Você trabalhava para você ou era carteira assinada?	Tentativa de fazer OJ responder a pergunta.		Oralidade
6ª	OJ	Nada, dava	Assinada		Oralidade
7ª	Ils	Ah! Era carteira assinada	Confirmação sobre sua resposta		Oralidade
8ª	OJ	É		Balança a cabeça afirmando	Oralidade e gesto
9ª	ILs	Han era outra pessoa?			
10ª	IVp	E quem assinou sua carteira? Foi alguma empresa?	Um novo questionamento		Oralidade
11ª	OJ	Ah! Ai,ai,ai aqui ó.		Mostra a carteira com documentos	Oralidade e gesto
12ª	IVp	Foi a Petrobrás também?			Oralidade

13 ^a	OJ	Não, não (risos)			Oralidade
14 ^a	ILs	Era lá no supermercado?			Oralidade
15 ^a	OJ	É			Oralidade

Ao observarmos a interlocução de OJ com ILs e IVp, podemos perceber que sua fala está reduzida em poucas palavras. Na primeira linha, IVp questiona OJ sobre o seu emprego antes do AVCi. Na segunda linha, temos a resposta de OJ, que se materializa como uma estereotípia “PAQUI?”. Esta produção carrega consigo uma entoação bem marcada que nos serve de pista para entender que a resposta foi uma pergunta, e desse modo, tentamos dar continuidade ao diálogo reformulando a pergunta na linha três. A afasia afeta a linguagem desse sujeito impedindo que ele consiga produzir as palavras desejadas e sempre faz com que suas palavras sejam substituídas pela produção do “PAQUI”. O que percebemos é que, apesar da palavra desejada não se realizar, o elemento prosódico que acompanha a palavra alvo não foi perdida e se realiza na estereotípia. Cagliari (1992) afirma que, ao observar a variação da frequência fundamental nas curvas melódicas dos enunciados, é possível identificar se os enunciados são interrogativos, afirmativos ou exclamativos. A nossa impressão auditiva do paquí realizado neste contexto é de que ele represente uma pergunta. Ao mensurar os valores da F0, utilizando o programa PRAAT, obtivemos a os seguintes resultados.

Enunciado: PAQUI

FIGURA 1



Obtivemos uma curva melódica que começou com uma frequência de 83.93 Hz, em seguida ouve uma variação na F0 medial para 123.4 Hz que evoluiu de forma ascendente para uma F0 de 147.4 Hz. Cagliari (1992) define a curva ascendente como característica de um

enunciado interrogativo. Desse modo, podemos confirmar nossa hipótese de que a estereotipia carrega consigo a entoação intencional do falante OJ, dando pistas para o interlocutor compreender o que pretende falar.

Voltando, então para o quadro inicial, podemos perceber que OJ, ao ser novamente questionado por IVp, que pergunta se ele trabalhava para ele mesmo, responde que não, na linha 4, e em seguida pronuncia as sílabas “do, do” como se procurasse uma palavra que desse continuidade ao seu dizer, mas não consegue selecionar. Este episódio nos remete as colocações de Jakobson sobre as dificuldades de seleção nas afasias. A dificuldade de seleção se confirma logo em seguida quando ILs, na linha 7, reformula a pergunta dizendo “ Você trabalhava e o caminhão era seu? Você trabalhava para você ou era carteira assinada?”. Atentem-se para a ação do sujeito OJ, na linha 6, ele acompanha a fala de ILs como se procurasse “pescar” um prompting para que encontrasse nas palavras dela a palavra que precisava. Ao ouvir “carteira assinada” ele pronuncia, no mesmo momento que ILs, “nada”. ILs confirma dizendo: Ah! É carteira assinada. E ele responde: “É”. Quando ele ouviu “assi”, complementou com “nada” produzindo a palavra alvo e em seguida pronunciou “dava”, o que nos mostra a instabilidade de sua fala afetada pela afasia que ora permite a produção do segmento pretendido, ora não. A palavra assinada, na afasia, se tornou nova para este sujeito, desse modo, ele sabe a palavra que precisa, mas encontra dificuldades para articulá-la. Notamos a busca de OJ na fala do outro e a observação sobre os pontos articulados pelo outro para pronunciar a palavra desejada.

Sessão realizada em 2012 – Itarantim, cidade natal

Legenda: Serão utilizadas as siglas OJ, para sujeito da pesquisa e ILs,INs, ICs para as investigadoras.

Dado nº4 “Paqui?”

Dado nº 5 “Itarantim”

Contexto: Nesse encontro, ICs,INs e ILs pesquisadoras do grupo, conversam com OJ sobre temas diversos. O tema chave dessa sessão foi uma viagem que OJ faria com sua família e ao falar que viajaria para uma cidade onde já morou ICs pergunta sobre sua cidade atual.

Quadronº2

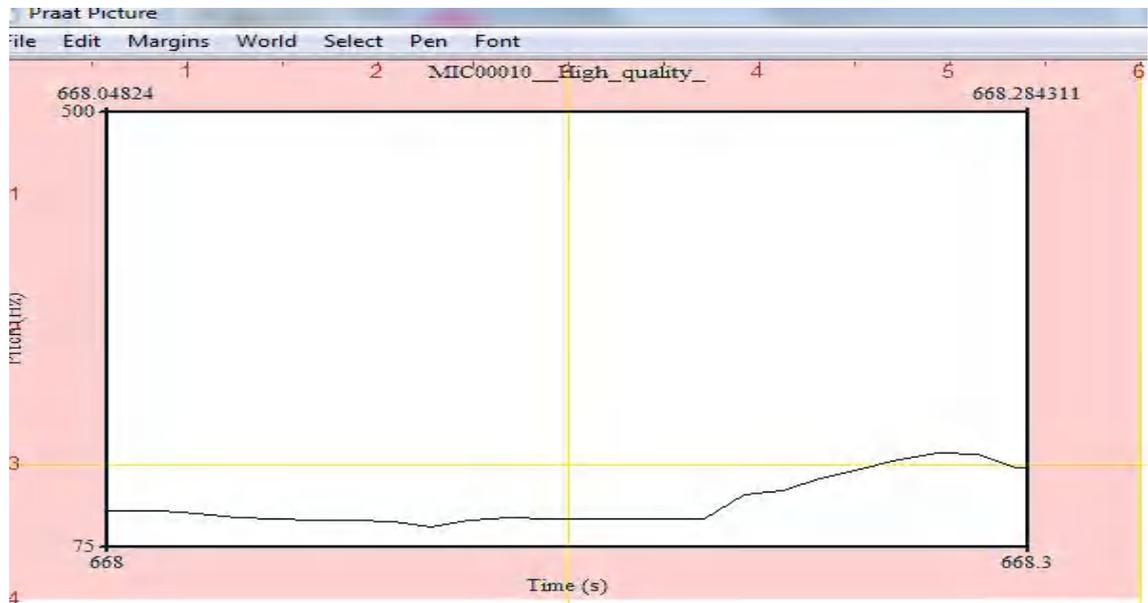
Número de linhas	Siglas do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais não - verbais	Tipo de processo alternativo utilizado para expressar a linguagem
1	ICs	Onde você mora?	ICs questionando sobre onde OJ morava atualmente		Oralidade
2	INs	Ele sabe falar a cidade	Informando a ICs que OJ conseguia pronunciar o nome da cidade		Oralidade
3	OJ	Aa aqui ó	OJ vai para a escrita	Pega papel e caneta	Oralidade
4	ICs	Hum			Oralidade
5	OJ	Não	Para dizer que não consegue escrever nem falar	Aponta para o papel e para a boca	Oralidade e gesto
6	INs	Dá a pista pra ele	INs sugere que ILs ofereça um prompting		Oralidade
7	ILs	I I-ta I-ta-ran	Falando pausadamente	Olhando para OJ	Oralidade
8	OJ	Paquí?	Pergunta se está escrevendo certo	Apontando para a palavra escrita	Oralidade, gesto e escrita
9	ILs	N, Itaran...Itarantim	Diz qual é a próxima letra		Oralidade
10	ICs	I-ta-ran... falta uma perninha aí no N	Sugere a correção da letra		Oralidade

11	ILs	Uma perninha aqui ó		Aponta para onde deve corrigir	Oralidade e gesto
12	OJ	Aquí?	Questiona sobre o local da correção	Aponta para a palavra	Oralidade e escrita
13	ICs	Isso! Desce uma perninha, isso! Itaran...			Oralidade
14	OJ	Aí			
15	ICs	Itaran... isso e o m no final. Peraí botou letra a mais aí. Itaran põe uma perninha aqui no r. Aqui, só pra formar um r senão fica outra coisa.	Auxilia e sugere novamente a correção	Aponta para a letra que deve ser melhorada	Oralidade Gesto
16	OJ	Aí			
17	ICs	Pronto, entendeu?			
Recorte...					

Ao ser questionado sobre o nome da cidade onde morava atualmente OJ recorre, primeiramente, à escrita, mas ao pegar papel e caneta não conseguiu escrever a palavra que desejava. Na linha 5, ele pronuncia “não” e aponta para a própria boca e para o papel afirmando que não consegue escrever nem falar. Percebemos a dificuldade e a angústia que a afasia traz para sua vida sempre que ele precisa fazer uso de sua linguagem. Ao tentar utilizar tanto a modalidade oral, como a escrita e ainda assim, fracassar, OJ, silencia e espera de nós, pesquisadoras, um auxílio, uma saída. Coudry(1988), afirma que é preciso “reconhecer e interpretar o silêncio e as hesitações dos sujeitos afásicos”. É preciso que os interlocutores saibam intervir no momento da falha, não falando ou fazendo por eles, mas sim, fazendo a mediação para que ele consiga se familiarizar com os próprios recursos de que dispõe. INs, ao ver que OJ ficou sem saída, se manifesta, na linha 6, sugerindo que ILs ofereça um prompting ao sujeito afásico. “Dá uma pista pra ele”. ILs dá a pista oral, primeiro, I, depois I-ta e por fim, I-taran, enquanto isto, OJ escreve a palavra e de repente na linha 8 ele pronuncia Paquí? Apontando para a palavra escrita. Novamente, a estereotipia vem ocupar o lugar de uma palavra-alvo e mantém o elemento prosódico da palavra que gostaria de ter pronunciado. Mesmo não conseguindo trazer a palavra desejada o sujeito consegue aplicar sentido na produção realizada por meio da entoação.

Coletamos o dado “Paquí” e analisamos, mais uma vez, a frequência fundamental da curva melódica desta construção.

Figura 2



Obtivemos uma curva com características de um enunciado interrogativo, segundo Cagliari (1992), as curvas ascendentes carregam entoações com sentido de interrogações. A curva melódica teve F0 inicial com valor de 110.3HZ, a F0 medial com 102,8 HZ e a F0 final evoluindo para 152.7HZ. Desse modo, fica evidente que as impressões auditivas dos interlocutores percebem o sentido das estereotípias pela entoação e asseguram que a prosódia, na linguagem deste sujeito, não foi afetada pela afasia. Consideramos importante apresentar, mais uma vez, uma análise da entoação da curva melódica desta produção oral, porque ela é a marca da afasia de OJ e aparece praticamente em todos os diálogos deste sujeito.

As pesquisadoras, ao ouvirem “PAQUÍ”, logo reconhecem que se trata de uma pergunta do tipo: É assim? Estou escrevendo certo? E agora? ILs observa a palavra e vê que a palavra ainda está incompleta e dita a letra N para que possa continuar escrevendo. ICs sugere que OJ faça uma correção na letra N, que ficou parecida com um U e, em seguida corrige o R também.

A seguir, na figura número 3 apresentamos o dado escrito de OJ.

Figura nº 3



Mostramos no quadro Número 2 o caminho traçado por este afásico para se expressar com a linguagem. Ele conseguiu acessar a linguagem com ajuda das interlocutoras usando a modalidade escrita. Agora, a seguir, mostraremos como ele sai da palavra escrita para a oralidade. Tencionamos mostrar o caminho que ele percorreu para oralizar. O quadro 3, abaixo, faz parte da sessão acima. Dessa forma, serão mantidas a legenda e o contexto.

Dado nº6: “Meu Deus. Ah meu Deus aqui moça”.

Dado nº7: “Ita-ran-tim”

Quadro nº3

Número de linhas	Siglas do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais não - verbais	Tipo de processo alternativo utilizado para expressar a linguagem
Recorte...					
1	ICs	Itarantim, fala pra gente ver			Oralidade
2	OJ	Ué úuu		Apontando para a boca mostrando que não consegue pronunciar as palavras	Oralidade
3	ICs	Ué o que?	Risos		Oralidade

4	INs	Bom, e aí em Vitória alguém vai te perguntar : E aí como é que você está? Está morando onde? Ou: Está morando aqui em Vitória? Aí você vai falar: Não, em Itarantim. E aí ? A gente tem que buscar isso aí	INs exemplifica desta forma tentando contextualizar a pronuncia da palavra Itarantim.		Oralidade
5	OJ	Meu Deus. Ah meu Deus aqui moça.	(risos)	Aponta para a boca lembrando que está com dificuldades para falar	Oralidade e gesto
Recorte...					
6	INs	Bom, aqui você pegou o papel e escreveu, mas lá em Vitória se alguém te perguntar você vai responder: Não, em Itarantim!	(Risos)		Oralidade
7	INs	E agora ela te perguntou: Onde você mora?			Oralidade
8	OJ	É			Oralidade
9	INs	É aqui?			Oralidade
10	OJ	É, sei			Oralidade
11	INs	É em Itarantim?			Oralidade
12	OJ	Isso!			Oralidade
13	INs	Então tenta			Oralidade
14	ICs	Itarantim			Oralidade
Recorte...					
15	OJ	Ita- ran-tim	Silabando		Oralidade
Recorte...					

OJ deixa evidente sua insatisfação sobre sua condição de não poder falar “Meu Deus. Ah meu Deus aqui moça” e aponta para a boca acionando o apontar como garantia e auxílio para que seja compreendido. “Meu Deus” e “Óh minha nossa senhora” são expressões cristalizadas na linguagem de OJ, sempre estão presentes na fala deste sujeito quando ele se vê em situações limitadas pela afasia. Percebemos que OJ, muitas vezes, mesmo sem tentar pronunciar as palavras, já antecipa que não conseguirá. Ele tem consciência sobre as parafasias que invadem sua linguagem e que fogem do seu controle. INs e ICs insistem para que o sujeito tente pronunciar a palavra sugerida e ele, ao olhar para ICs que verbaliza a palavra em sua frente, consegue, silabando evocar a palavra “Itarantim”.

O caminho percorrido por OJ demonstrou que, nesse episódio, num primeiro momento, a escrita representa o simbolismo de primeira ordem que vem em auxílio da oralidade que está em segunda ordem. Assim como afirma Santana (2002, p.34), nesses casos a escrita como simbolismo de primeira ordem serviria de “elo” para o simbolismo de segunda ordem, a fala. Os interlocutores estabelecem mediações entre oralidade e escrita que se complementam para alcançar um sentido.

Sessão realizada em Setembro de 2011 – Retratos de uma cidade

Legenda: Serão utilizadas as siglas, OJ para participante, ILs e INs para investigadoras.

Dado 8: “TIM”

Contexto: Nessa sessão, o objetivo foi mostrar algumas imagens da cidade, onde reside OJ, com o intuito de ele, sem ser informado sobre qual cidade eram as imagens, identificá-las. Nas primeiras sessões estávamos procurando identificar os caminhos mais usados por OJ, para preencher a dificuldade de oralizar as palavras pretendidas. Levamos um alfabeto móvel para utilizar/sugerir a leitura e a escrita como recursos.

Ao ver as imagens da cidade, OJ, inicialmente, não reconhece os lugares, mas depois reconhece algumas imagens.

Quadro 4

Nº da linha	Siglas do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não - verbais	Tipo de processo alternativo para expressar a linguagem
	Recorte...				
1ª	OJ	Aqui		Aponta para a imagem no computador	Gesto
2ª	ILs	Conhece?	Perguntando se OJ conhece o lugar da imagem		Oralidade
3ª	OJ	É		Balança a cabeça afirmando	Oralidade e gesto
4ª	ILs	Onde é aqui?		Olhando para a imagem	Oralidade
5ª	OJ	Ôo má aqui é.Não		Aponta para a boca para dizer que não consegue falar	Oralidade e gesto
6ª	ILs, INs	I-TA-RAN-TIM	Pronunciamos o nome da cidade silabando para sugerir que OJ nos acompanhasse		Oralidade
7ª	OJ	TIM	Ele consegue nos acompanhar na última sílaba		Oralidade
8ª	OJ			Escreve Lane	Escrita
9ª	INs	Lane?			
10ª	OJ	Rapá, aqui		Tenta reformular e escreve lanel	Escrita
11ª	INs	Lanel?	Perguntando sobre a palavra que escreveu com o alfabeto móvel		
12ª	OJ	Hum?		Fica em dúvida e continua olhando as letras	
13ª	INs	Licença		Pede permissão para ajudá-lo e começa colocar algumas letras mais próximas a OJ.	Oralidade
14ª	OJ	Aqui ó I-ta	Silabando	Monta I-t-a	Oralidade e escrita

	INs	I-ta- ran-tim		E monta a palavra Itarantim com o alfabeto móvel	Oralidade e escrita
15^a	OJ	Tim	Pronuncia tim junto com INs		Oralidade
16^a	INs	Ah!! Você falou tim.			Oralidade
17^a	INs	I-ta-ran-tim		Mostra a palavra escrita	Oralidade e gesto
18^a	OJ	Tim, Êpa a paquí moço	Acompanha a última sílaba	Desmonta a palavra e monta novamente	Oralidade e escrita
19^a	INs	Fala de novo	Pedindo para falar Itarantim de novo		Oralidade
20^a	OJ			Aponta para a boca e sinaliza de forma negativa. Querendo dizer que não consegue oralizar	Oralidade e gesto
21^a	INs	Não, Você já falou , olha: Ita...	Oferece um prompting		Oralidade
22^a	OJ	Rantim	Consegue completar a palavra		Oralidade
23^a	INs	E como é o nome da cidade?			Oralidade
24^a	OJ	I-ta-ran-tim	Pronuncia a palavra silabando		Oralidade
25^a	INs	Hum saiu (risos)	Comentário sobre a palavra oralizada		Oralidade
	Recorte...				

Observando a tabela, podemos perceber, a partir da 6^a coluna, que o sujeito OJ sempre busca um apoio para que sua oralidade seja compreendida. Ora usa os gestos, ora usa a escrita e até mesmo a leitura. Nesse contexto, observaremos, em especial, o uso do prompting como ferramenta ou estratégia do pesquisador para auxiliar o afásico alcançar a palavra alvo. Segundo Coudry (2008), o prompting funciona como uma espécie de pista ou dica sobre a palavra desejada.

Na 6^a linha, da segunda coluna, ILs e INs pronunciam juntas a palavra “I-ta-ran-tim”, silabando, oferecendo a pista ao afásico. Em seguida, na 7^a linha, temos OJ pronunciando “tim” a última sílaba da palavra. Entre a 9^a e 12^a linha OJ tenta montar o nome da cidade, mas não consegue ,e, ao tentar, o que escreve é o segmento “lane”. Na 9^a linha, que reformula para “lanel”, na 11^a linha. Quando INs o questiona sobre o que está escrito, fica em dúvida e não consegue corrigir. A escrita desse sujeito está limitada pela afasia e em alguns momentos a palavra que escreve não tem conexão aparente sobre o que falamos. O que fazemos? Intervimos com o auxílio da própria escrita, damos pistas sobre a palavra escrita partindo do contexto em

que estamos inseridos. A escrita de “lane, lanel” não representaram, naquele momento, a palavra pretendida, no entanto, consideramos relevante o convite para a tentativa de utilizar a linguagem pela escrita. No momento em que OJ se viu em uma situação adversa consegue pronunciar oralmente a palavra pretendida. Ele se dispõe a escrever a palavra Itarantim e não consegue, numa tentativa de sair da dificuldade, pudemos auxiliá-lo da seguinte forma: A pesquisadora pede permissão para intervir e coloca a sua disposição as três primeiras letras que formam a palavra, depois OJ monta o restante da palavra, considero um prompting escrito, pois imediatamente é utilizado pelo sujeito que pronuncia “tim”, na 16ª linha. Em seguida, na linha 19, OJ diz “tim” e “Êpa a paqui moço” como se de repente a palavra se tornasse clara e organizada. Naquele momento, então, ele desmonta e monta a palavra e na 20ª linha INs pede para que ele fale o nome da cidade e, aos poucos, com ajuda de pistas, finalmente, na 25ª linha ele pronuncia silabando a palavra completa.

Reafirmamos nesse recorte da sessão de acompanhamento a eficácia do prompting para o trabalho com este afásico e chama-se atenção para as formas com as quais foram utilizadas para que a linguagem se organizasse. Podemos ver que para que a palavra fosse produzida foram utilizados promptings orais e escritos buscando, dessa forma, a ordem mais eficiente em prol da menos eficiente.

Santana (2002,p. 50) enfatiza que a escrita nas afasias pode se apresentar “desconexa, abreviada e incompleta” e que diante disto não se pode classificá-la segundo as regras metalinguísticas. De acordo com essa autora, quando o afásico escreve, há muitos fatores envolvidos no processo. A maneira com que ele escreve, as abreviações, as palavras incompletas não precisam ser explicadas detalhadamente. O que importa é a escrita como recurso linguístico.

Sessão realizada em 2012- Montando um supermercado

Legenda: Serão utilizadas as siglas OJ, para participante e ILs, INs, ICr, ICs para investigadoras.

Dado 9 : 2,00 reais

Dado 10: Cadê

Contexto: OJ trabalhava fazendo entregas no supermercado de seu pai, desse modo, uma atividade relacionada ao ambiente que ele frequentava e frequenta está dentro de sua realidade. A atividade proposta foi a de montar um minisupermercado com embalagens vazias. Na primeira etapa, sugerimos que o participante, fazendo uso do computador, digitasse o nome do produto e preços sugeridos.

Quadro: 3

Numero de turnos	Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais	Processo utilizado para expressar a linguagem
Recorte...					
1	ILs	Hoje é assim, eu tinha planejado de fazer um mercadinho, pra gente fazer umas atividades, fazer umas contas.	Explicação sobre a atividade proposta		Oralidade
2	OJ	Hum			Oralidade
3	ILs	Uma atividade assim, mas ainda não vai ser hoje. Hoje só vamos começar fazer o mercadinho. Aí eu vou pegar os produtos que eu já trouxe, já tenho aqui acumulados alguns produtos de supermercado. O que vai acontecer aqui é tentar organizar os preços. Você está por dentro dos preços de coisas do mercado?			Oralidade
4	OJ	Não			Oralidade
5	ILs	Não? Mas aí a gente pode ter uma ideia			Oralidade

6	OJ	Não, é, dá aí, hum hum			Oralidade
7	ILs	Então vamos tentar organizar os preços hoje tá bom?			Oralidade
	Recorte...				
8	ILs	Agora aqui eu quero que você vá colocando os nomes e os preços. Por exemplo, esse daqui		Mostrando uma embalagem de manteiga.	Oralidade
9	OJ	Sei			Oralidade
10	ILs	Manteiga. Quanto você acha que custa um potinho de manteiga? Aqui é um potinho de 200 gramas.			Oralidade
11	OJ	[ininteligível] aqui ó		Escreve no computador o preço sugerido 2,00 reais	Oralidade e escrita
12	ILs	Você pode escrever o nome manteiga na lista e colocar o preço.	Os preços serão colocados numa lista que ele está fazendo no computador.		Oralidade
13	OJ	Cadê, cadê, cadê, cadê, cadê...		Falando enquanto procura as letras da palavra manteiga no teclado do computador	Oralidade e escrita

OJ tem facilidade para fazer cálculos. Antes do AVCi, trabalhava como motorista de caminhão fazendo entregas para o supermercado de sua família. Ao ser convidado para

participar desta atividade ele se prontificou entusiasmado. “Não, é, dá aí, hum hum” afirmando que não estava tão informado sobre os preços mas que poderia, sim, realizar a atividade.

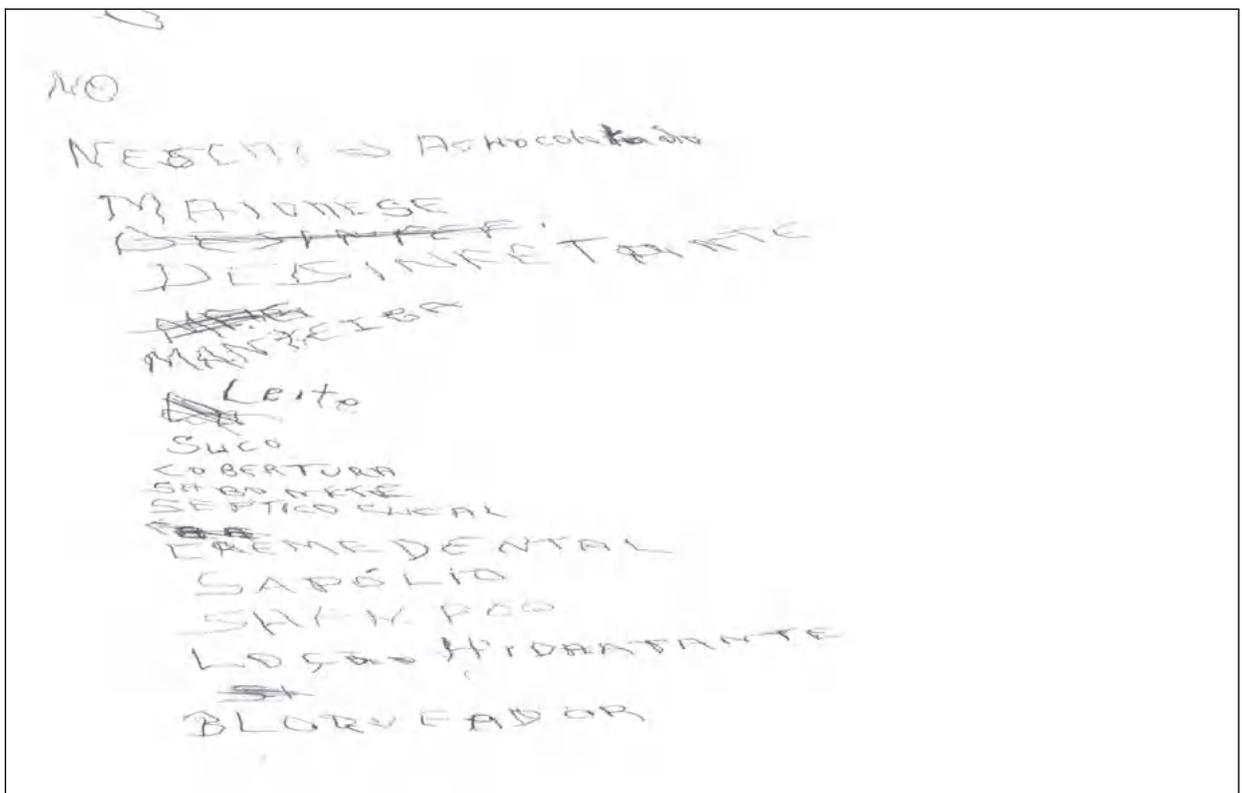
Nesta sessão, estávamos utilizando o computador para fazer a tabela com os preços. ILS lhe mostra uma embalagem de manteiga de 200 gramas e pede para que ele coloque o preço sugerido. Ele digita o valor de 2,00 reais. Em seguida ILS pede para que ele escreva o nome manteiga na lista e ele olhando para o teclado diz “Cadê, cadê, cadê, cadê, cadê...” o que demonstra o funcionamento de sua linguagem ao procurar as letras que compõem a palavra. A repetição de palavras, tanto na linguagem normal, como na patológica, indica uma estratégia que o interlocutor utiliza para organizar sua fala. OJ organiza a construção da palavra escrita através da modalidade oral e vice versa.

Sessão realizada em 2012 – Uma lista manuscrita

Contexto: Dando continuidade a outra sessão, na qual montávamos o supermercado. Agora OJ, fará uma lista manuscrita com os nomes dos produtos, identificando os nomes dos produtos separando o que é o produto e o que é a marca.

Dado 11: A própria escrita

Figura 4



O afásico que acompanhamos nesta pesquisa terminou apenas o ensino fundamental I e, segundo relatos de sua esposa e dele, não tinha o hábito de ler ou escrever. Desse modo, entendemos que o uso da escrita era apenas para usos utilitários.

A ideia de realizar uma atividade com esses produtos de supermercado surgiu ao saber que ele trabalhou, antes do AVCi com produtos de supermercado, fazendo entregas e depois do episódio que o acometeu, continuava frequentando o supermercado da família. Sabíamos que trazer situações que fossem familiares para este sujeito poderia estimular o uso de sua linguagem evidenciando suas dificuldades. Pedimos ao participante que, olhando para os produtos, escrevesse na lista o nome dos produtos e não de suas marcas. Percebemos que OJ teve dificuldades em distinguir o que era a marca e o que era o produto. O primeiro item da lista, o achocolatado é nomeado e escrito na lista como Nescal, que representa uma marca. Não estamos afirmando que essa mistura seja típica de uma patologia, pois sabemos que é comum entre os falantes confundir o produto com a marca. O objetivo é mostrar que situações contextualizadas, nas quais o sujeito realiza um trabalho, assim como afirma Franchi (1977), coloca-o em situações que aproximam o normal do patológico. Segundo Marcuschi (2004, p.48) “Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra”. Ao separar os produtos e copiar os nomes nas listas há uma ressignificação, pois os nomes dos produtos passam a fazer parte de uma lista que pertence ao sujeito OJ. Lista que apresenta um trabalho de reconstrução ao ver que há na cópia, a correção do próprio sujeito ao observar os erros na própria escrita. Podemos afirmar que houve uma reconfiguração da linguagem mesmo sendo na cópia.

Percebemos também, as irregularidades das letras que representam as dificuldades e o esforço de um sujeito que agora passa por um momento de readaptação escrevendo com a mão esquerda devido a uma hemiplegia que o limita.

De acordo com Marcuschi (2004), as listas e os bilhetes são textos que se aproximam da fala informal e estão entre os utilizados dentro das práticas de letramento. Ao realizar esta listagem escrita, trabalhamos com a linguagem oral, também. O sujeito ao escrever foi incentivado a pronunciar as palavras da lista. O que, a nosso ver, contribuiu para que palavras que se tornaram novas, ao serem pronunciadas, com o passar do tempo, na prática, se tornem conhecidas novamente.

Sessão realizada em de 2014 – Um presente para a esposa mãe

Contexto: OJ e INs conversam informalmente sobre o dia das mães. Na semana anterior, véspera do final de semana em que se comemora o dia das mães, havíamos sugerido que OJ, junto com sua filha, preparassem um café da manhã para sua esposa. No entanto, por algum motivo, ele resolveu não o fazer. Ao ser questionado sobre como havia sido o café da manhã, ele diz que não preparou o café, mas comprou um presente para sua esposa. INs pergunta qual foi o presente que ele escolheu e ele usa um desenho para responder que foi um relógio. Depois ao ser questionado sobre o valor ele escreve o valor também.

Dado 12: Relógio

Figura



Utilizar o desenho para representar a palavra oralizada também é uma prática de OJ. Sempre que a oralidade falha ele precisa usar outros caminhos para chegar ao seu objetivo.

Ao utilizar o desenho para representar a palavra escrita ou verbalizada percebemos uma reconfiguração da linguagem a partir de outra esfera simbólica, muito mais do que um instrumento.

Neste caso, ele lança mão de um desenho. [Ele pretendia contar a INs sobre o presente que comprou para sua esposa, mas encontra uma barreira ao tentar articular a palavra relógio. O que ele faz? Recorre ao desenho para representar a palavra alvo. De acordo com Freud (1981), a afasia provoca uma desintegração no aparelho de linguagem, que pode acontecer em várias ordens ou até mesmo em todo o aparelho. O sujeito, na normalidade, ao desenvolver o aparelho de linguagem, a faz seguindo uma hierarquia na qual a fala precede à escrita, e o desenho das coisas priorizam o desenho das palavras.

Conforme este autor nos explica, a desintegração do aparelho de linguagem acontece da mesma forma que acontece a aquisição da linguagem, só que ao contrário. Santana (2002, p. 32) afirma que o desenho representa “uma forma preliminar no desenvolvimento da linguagem

escrita nas crianças” e que o desenvolvimento da linguagem escrita acontece com o deslocamento do desenho das coisas do mundo para o desenho das palavras. Podemos, a partir dessas afirmações, identificar este processo na construção de OJ, que faz uso do desenho da palavra para se referir à palavra. O sujeito faz uso do desenho, que é mais um processo de significação para dizer o que não conseguiu em palavras oralizadas. Interpretar o desenho que representou o desenho da palavra não foi difícil para palavra INs, já que ambos partilham do mesmo código linguístico.

Sessão realizada em 2012 – Aniversário sem presente

Legenda: Serão utilizadas as siglas OJ, para o sujeito da pesquisa e ILs para investigadora.

Contexto: Nesta ocasião, estávamos comemorando um aniversário no grupo e OJ, por esquecimento ou mesmo por um desentendimento de informações, não trouxe um presente para o aniversariante. Desse modo, questiona para ILs sobre o fato de não ter sido informado sobre o aniversário e fica zangado. Ele quer resolver a situação porque, para ele, aniversário sem presente não dá certo.

Dado 13: **Não, eu não sabia que ia ter aniversário.**

Dado 14: **Esse valor é suficiente?**

Quadro 9: Aniversário sem presente

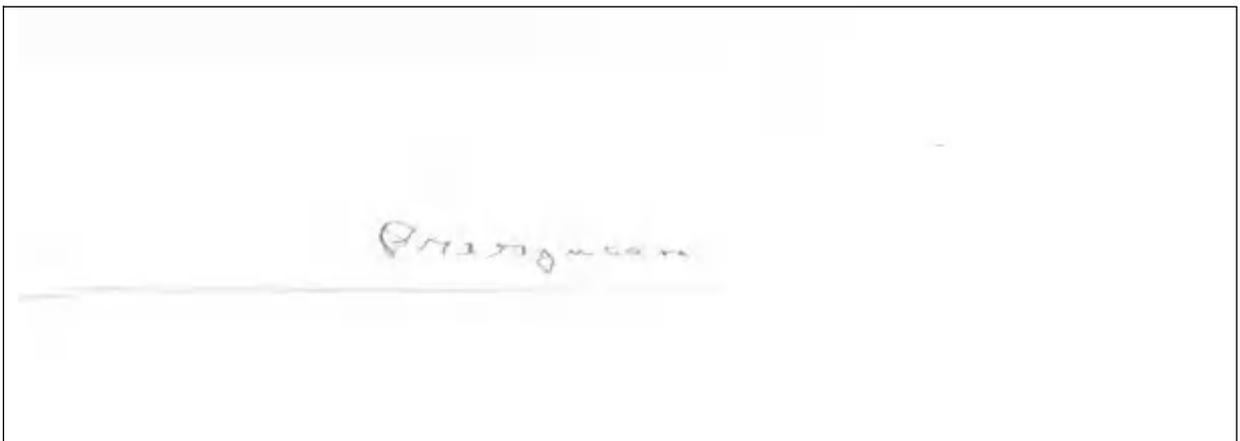
Turnos	Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais	processo utilizado para expressar a linguagem
Recorte...				
1º	ILs	Hoje tem o aniversário, OJ, temos festa!		Oralidade
2º	OJ	O quê?		Oralidade
3º	ILs	O aniversário lembra? Te falei na semana passada no último encontro.		Oralidade
4º	OJ	Não! Não. Paqui? Nada	Balança a cabeça negando.	Oralidade e gesto

			Coloca a mão no peito.	
Recorte...				
5°	OJ	Aqui ó. Tá bom?	Balança a cabeça afirmando e sorrindo. Quer a confirmação de que estou entendendo.	Oralidade e gesto
6°	Ils	Para quê esse dinheiro, OJ?	Mostro o dinheiro para ele	
7°	OJ	Paqui, paqui...ó	Olhando e apontando para a aniversariante que acaba de chegar.	
8°	Ils	Você vai dar o dinheiro? Não, não se preocupe com isso. Outro dia você traz um presente, ela vai entender.		Oralidade
9°	OJ	Não moça! Paquió, paquió.	Me chama para ir lá fora e aponta para o papel	Oralidade e gesto
10°	Ils	Um momento. Você quer escrever!	Pega o papel e caneta e lhe entrego	Oralidade
11°	OJ		Escreve a palavra presente e aponta para o centro da cidade	Escrita e gesto
12°	Ils	AAh! Você quer que eu compre o presente?		Oralidade
13°	OJ	Isso! Isso! Tá bom.	Balança a cabeça afirmando.	Oralidade e gesto
14°	ILs e OJ	PRE-SEN –TE		Oralidade
Recorte...				

Podemos perceber, após visualização dos dados, que OJ utiliza vários mecanismos para alcançar a palavra desejada. Quando ILs, no primeiro turno, lhe fala sobre o aniversário, ele logo questiona sobre o fato de não ter sido avisado “**Não, não. Paqui? Nada**” e ao mesmo tempo coloca a mão sobre o peito reforçando que está falando sobre ele. Nesse momento, ele reclama seu lugar e seus direitos no meio social. Em seguida, convida ILs para a o canto da sala e retira da carteira uma determinada quantia em dinheiro e mostra a ILs dizendo: “**Aquí ó. Tá bom**”. Utiliza o próprio corpo quando balança a cabeça afirmando e sorrindo, esperando uma resposta positiva, que foi compreendido. A investigadora pergunta para ele para quê é o

dinheiro e ele imediatamente aponta para a aniversariante dizendo: “**Paqui,paquió**”. ILS pergunta se ele vai dar o dinheiro como presente e ele a corrige: “**Nãõ moça!Paquió, paquió**” e convida a pesquisadora para sair da sala. Lá fora, aponta para um papel e ela o compreende dizendo: “Ah! Você quer escrever!” OJ escreve então a palavra desejada e dessa forma é compreendido, mesmo antes de terminar a palavra toda. Quando ILS o compreende ele responde: “**Isso! Isso! Tá bom.**” OJ costuma se desenvolver bem oralmente com ajuda de um prompting, então, juntos eles realizam a palavra desejada que, no caso, era: PRESENTE. Esse sujeito, antes de ser acometido pela afasia, não tinha o hábito da leitura e nem da escrita, mas depois da sequela, percebemos que a leitura e a escrita têm sido utilizadas por ele em muitos momentos quando a oralidade falha. A escrita e a leitura dão pistas para que o prompting seja oferecido e ajuda OJ a reorganizar sua linguagem oral.

Figura 6: A escrita de OJ



A escrita e a leitura de OJ também se encontram desorganizadas, como já discutimos anteriormente, a afasia é uma patologia da linguagem, então, não fica restrita somente à fala, mas também pode afetar a leitura e a escrita que também são formas de se expressar. Os campos de linguagem vão se organizando de forma mútua e no momento da falha o sujeito busca o campo que se encontra mais eficiente para aquela situação.

Enfatizamos também a utilização da escrita para falar. O sujeito OJ começa escrever e quando consegue ser compreendido, este volta imediatamente para a fala, mesmo quando esta encontra-se severamente limitada pela afasia.

Sessão realizada em 2013 – Pausa para encenação

Legenda: Utilizaremos as siglas, OJ, para participante, ILs e INs, para investigadoras, Ad, para esposa de OJ.

Contexto: Em uma sessão de encontro individual realizada no primeiro semestre de 2013, estamos trabalhando com Sketches. A intenção foi aproximar ao máximo das situações reais e colocar OJ para agir sobre sua linguagem, já que sabemos que OJ costuma tentar fazer tarefas domésticas como compras no comércio da cidade onde mora.

Dados : 15 Á aquió,

Dado 16: AAS, Ék, AA-S

Quadro 11

Turnos1	Siglas do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não -verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Tipo de processo alternativo utilizado para expressar a linguagem
2	ILs	Primeiro nós vamos o quê? Consulta médica, conversa com fisioterapeuta ou farmácia ou loja comprar roupas ou ECOA? Qual você prefere?			
3	OJ	Esse daqui.	Aponta para o nome farmácia		gesto
4	ILs	Farmácia?			
5	OJ	Hum hum	Balança cabeça afirmando		
6	ILs	Certo, então esse é meu e esse é seu.	Entrego a ficha de Sketche com a fala dele		
7		Então, você vai para farmácia. Ad fala assim: O Oj vai até a farmácia para comprar AAS que acabou			
8	OJ	Hum			
9	ILs	Aí você vai na farmácia. Aí aqui tá marcando ó. Vc vai lá vê o			

		farmacêutico e : Bom dia!			
10	Oj	Eu?			
11	ILs	Você fala o quê?			
12	OJ	Pa			
13	ILs	Pro farmacêutico?			
14	OJ	Que tava aqui			
15	ILs	Bom dia!			
16	OJ	Eu			
17	ILs	Bom			
18	OJ	Dia			
19	ILs	Bom dia. Aí você vai pedir. O que você veio comprar? O que o Senhor quer?			
20	OJ	Éé			
21	ÍLs	Você veio comprar o que na farmácia?			
22	OJ	Á aquió	mostra o nome AAS no papel		
23	ILs	Sim, e aí? O que você veio comprar? A-S			
24	OJ	Aissi			
25	ILs	ASS			
26	OJ	Ék			
27	ILs e OJ	A-AS			
28	ILs	Aí eu vou e pergunto a você, aí eu vou e falo: Tem sim o senhor prefere AAS pra adulto ou AAS pra criança?			
29	OJ	...Éee	Fica pensando e olhando fixo para a ficha		
30	ILs	Pode falar sem olhar pra ficha se você quiser			
31	Recorte...				

Ao simular uma ida de OJ até a farmácia percebemos, inicialmente, que este sujeito ao ser questionado sobre qual sketche gostaria de começar e ele responde prontamente utilizando a escrita da própria ficha que continha a palavra farmácia. A escolha não foi aleatória porque ao escolher ele verificou todas as fichas apresentadas como opções.

Houve preferência, por parte de OJ, pela utilização da escrita em lugar da fala, já que não houve tentativas orais. Isto se repete novamente quando precisa pronunciar o nome do medicamento, na linha 22. O medicamento foi escolhido para estar na ficha por sabermos que o sujeito fazia o uso e comprava-o na farmácia de sua cidade.

Ele pronuncia “Aaquió” e aponta novamente para a palavra na ficha. A identificação da palavra exata na ficha mostra que OJ está selecionando corretamente e que o problema está na seleção articulatória e mostra também que este afásico tem consciência sobre as parafasias que invadem sua fala, pois sempre que encontra oportunidade de fugir da oralidade ele o faz. Nestes episódios ele está utilizando a escrita para falar.

Ao perceber que a oralidade está sendo evitada, procuramos convidá-lo para voltarmos para as tentativas orais perguntando: “E aí? O que você veio comprar? E em seguida ofereço a ele um prompting oral “A-S e ele responde na linha 24 “Aissi”.

Na linha 25 pronunciou novamente a palavra AAS lentamente com o intuito de que ele reorganize sua fala e ele reformula produzindo “Ék”. Podemos perceber que as tentativas resultam em parafasias.

Em uma nova tentativa, ILs pronuncia novamente a palavra AAS olhando para OJ, que desta vez consegue acompanhá-la falando junto com ela à palavra que desejavam. OJ conseguiu oralizar ao fazer a leitura labial de ILs. Na linha 29, por fim, OJ procura sua fala na ficha e ILs sugere que ele improvise sua fala, se preferir.

O que pretendemos enfatizar com esses dados é que, apesar da sketche ser uma atividade que tinha como objetivo estimular o uso da oralidade, neste episódio o foco foi redimensionado para a escrita que ela trazia. Para que o uso da fala acontecesse foi preciso, primeiro, passar pela escrita. O papel dos mediadores foi de convite para a oralidade e de interpretação para dar continuidade à atividade mantendo o fluxo da fala.

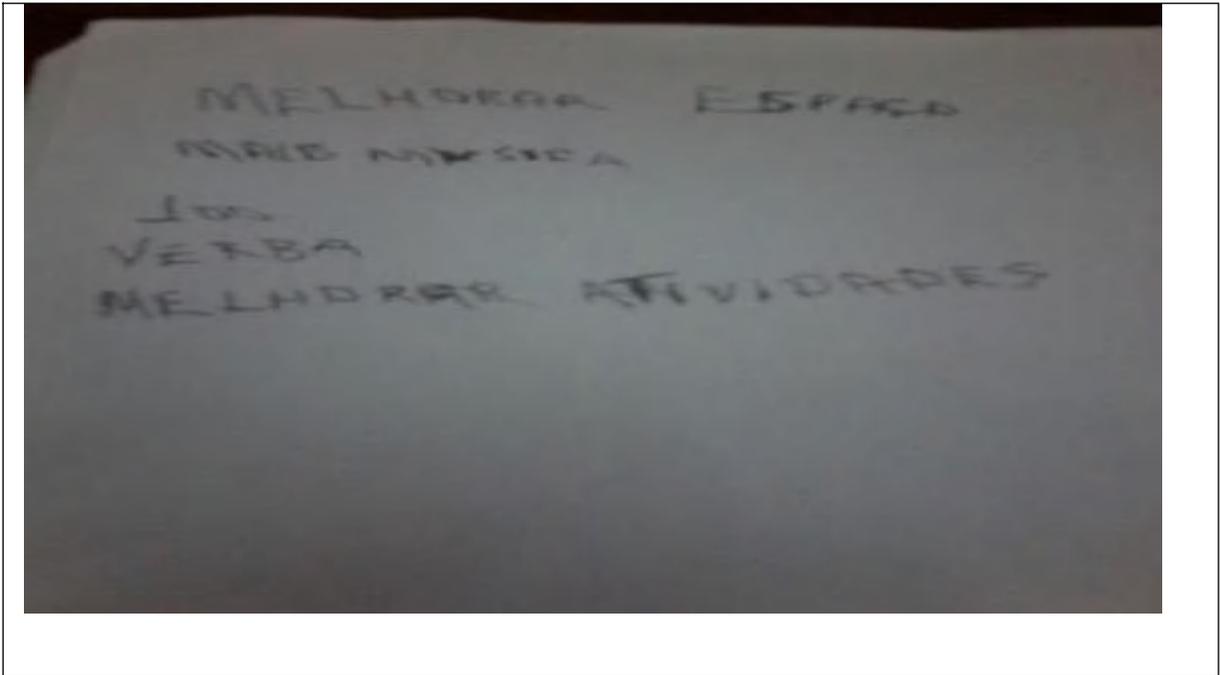
Sessão realizada em 2014 – Campanha de governo com verba para o ECOA

Legenda: OJ para sujeito da pesquisa e ILs para investigadora.

Contexto: A atividade realizada foi uma simulação de campanha eleitoral, na qual as duplas de sujeito e pesquisador deveriam fazer uma lista com propostas de um plano de governo. OJ e ILs produziram a lista que segue abaixo.

Dado 17: 100

Figura: 7



Transcrição da escrita do quadro acima

MELHORAR ESPAÇO
 MAIS MUSICA
 100
 VERBA
 MELHORAR ATIVIDADES

O dado evidenciado foi o numeral “100”, escrito por OJ. O número escrito veio em lugar da palavra “verba”, não oralizada. OJ pretendia dizer que uma das propostas seria a doação de verbas para melhorar o espaço onde ocorrem os encontros. A escrita do numeral foi complementada por um gesto com as mãos, representando dinheiro. Notamos que o sujeito percorreu um caminho não convencional para chegar à palavra alvo e conseguiu ser compreendido quando, guiado pelo sentido, escreveu e gesticulou.

A parafasia ocorreu no momento em que o afásico gostaria de pronunciar a palavra verba. A dificuldade para articular a palavra que se tornou nova para ele depois da afasia fez com que ele, por meio de um trabalho constitutivo de linguagem, lembrando Franchi (1977), recorresse à palavra escrita, que no momento se apresentou mais eficiente. Na escrita da palavra percebemos que, novamente, há uma substituição da palavra pretendida por outra que está dentro do mesmo campo semântico, pois a escrita numérica do algarismo “100” está relacionada com quantidade, dinheiro, contagem etc. Ele consegue delimitar o significado com

uso do gesto representando dinheiro. A manobra realizada por este sujeito descarta qualquer afirmação sobre incapacidade de expressão por falta de fala.

Ao considerarmos que as pessoas com afasia encontram-se parcialmente impossibilitadas de compreender ou expressar as palavras, podemos perceber que, quando estas são colocadas em situações espontâneas, esses sujeitos agem sobre a linguagem e conseguem de alguma forma, como se montassem um “quebra cabeças” (re) organizar sua linguagem a partir da lacuna existente, se fazer compreender como sujeito discursivo, se colocando no mundo novamente com a linguagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 AS HIPÓTESES LEVANTADAS

Sabendo que a afasia afeta drasticamente a linguagem, o nosso objetivo foi acompanhar um sujeito afásico observando o funcionamento de sua linguagem. Ao acompanhar este sujeito escolhemos analisar a escrita como processo alternativo de significação para que sua linguagem fosse reconstruída. Hipoteticamente, acreditamos desde o princípio que as áreas linguísticas que se encontram mais eficientes podem ajudar na reorganização da área menos eficiente. Dessa maneira, acreditamos que, relacionando a escrita com a oralidade que ficou afetada depois do Acidente Vascular Cerebral (AVC), o processo de reabilitação poderia ser acelerado.

Ao final desta etapa de estudos, a hipótese inicial foi confirmada, pois o sujeito acompanhado fez uso de vários mecanismos para conseguir chegar à oralidade e, dentre os mecanismos utilizados, a escrita se manifestou de forma significativa na linguagem deste afásico. O acompanhamento longitudinal pautado numa abordagem discursiva de linguagem o levou a estabelecer pontes entre as várias possibilidades de uso da linguagem.

5.2 AS QUESTÕES QUE SE APRESENTARAM NAS ANÁLISES

Ao realizar o acompanhamento, em princípio, a primeira questão que se levantou foi a de que se seria possível apresentar dados de pura escrita. Chegamos à conclusão que não seria possível, pois a linguagem é heterogênea e opaca e, principalmente na linguagem do afásico, ela se apresenta muito fragmentada e misturada. Isso lembra a comparação que Coudry (1988) faz entre as manobras que o afásico faz para se fazer entender e um “gato”. O “gato” é utilizado por ela para representar um arranjo, algo que é realizado de forma não convencional, fora da lei (regras). Desse modo, os dados sempre foram mesclados com vários mecanismos que OJ utilizou.

A segunda questão foi sobre sua escrita. Como explicar a escrita de algumas palavras que se apresentavam tão desconexas, fora do contexto? De onde elas vieram? O que elas representavam naquele momento? Chegamos à conclusão de que nem sempre a escrita do afásico tem conexão explicável e compreensível dentro do que entendemos como normalidade e que o fenômeno linguístico é amplo demais para darmos conta de todas as respostas. Sempre haverá questões a serem explicadas. De acordo com Santana (2002), as explicações e classificações nem sempre são tão importantes, muitas vezes o que precisamos fazer é,

simplesmente dar continuidade ao discurso e mostrar outro caminho no qual ele consiga se fazer compreender.

5.3 CONCLUSÃO

Ao final desta dissertação, afirmamos que o trabalho com a linguagem deve ser um trabalho minucioso, paciente e atento. A ND nos apresenta isto e nos mostra que é impossível estudar a língua e a linguagem excluindo o sujeito, pois a língua só existe no uso e no seu funcionamento.

Ao avaliar a linguagem nas afasias, é imprescindível observar todos os mecanismos de significação de que o sujeito lança mão para dar sentido a suas falas. Entram em jogo os mecanismos verbais e não verbais que ao passarem pelo processo de construção do afásico passam a representar o relato de suas experiências, suas histórias de vida, suas vontades.

Confirmamos a nossa hipótese inicial de que a linguagem escrita poderia ser utilizada para o reestabelecimento da oralidade do sujeito acompanhado para este trabalho. Percebemos e encontramos em seus enunciados os dados necessários que modalizam a utilização e eficácia da escrita na reconstrução de sua oralidade.

A escrita veio acompanhada de vários outros recursos como entoação, desenhos, gestos, fala do outro, sempre possibilitando arranjos que materializavam suas intenções.

As intervenções realizadas pelas pesquisadoras se mostraram cruciais para estas reconstruções e acreditamos que a informação sobre as afasias e sobre uma intervenção linguística discursiva deve e possa se estender entre familiares, amigos, médicos e todos, de uma maneira geral, que possam auxiliar esses sujeitos a se inserirem novamente na sociedade com a linguagem.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M.B. e COUDRY, M.I.H. Em torno de sujeitos e olhares. In: **Estudos da Língua(gem)**, v.6, n.2. P. 171-191, 2008.

CAGLIARI, L. C. ; MASSINI CAGLIARI, G. **O papel da tessitura dentro da prosódia**
CAGLIARI, L.C. *Dossiê de Prosódia*. Unicamp-CNPq-1º semestre de 2002 (apostilas do curso LL- 191 Modelos de análise Prosódica)

CAGLIARI, L.C. Prosódia: Algumas funções dos supra-segmentos. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.23. p. 137-151, 1992.

COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções** com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. (Edição consultada: 2001).

_____. Neurolinguística Discursiva: Afasia como Tradução. **Estudos da Língua(gem)**, 2008; 6: p. 67-96.

_____; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas**, n.5, p.105, 1986.

_____; FREIRE, F.M.P. Pressupostos teórico – clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: **Teorização e Práticas com a Linguagem**. Campinas. P.23-48, 2010.

_____. Caminhos da Neurolinguística Discursiva: O Velho e o Novo. In: **Teorização e Práticas com a Linguagem**. Campinas. p.379-399, 2010.

_____. O que é dado em Neurolinguística? In: CASTRO, M.F.P. (org). **O método e o dado no estudo da linguagem**, Campinas, Ed. Unicamp, 1996. p.179-194.

_____. Linguagem, afasia, cérebro e mente. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=QJCZ38hE>>; Acesso em 20/01/2015.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: **Almanaque**, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 9-27.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1891. (Edição consultada: 2003)

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 34-62.

LURIA, A.R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A.. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. 344p. (Edição consultada: 1984)

LURIA, A, R. **O homem com um mundo estilhaçado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita**: Atividades de retextualização. 5 ed, São Paulo: Cortez, 2004.

MORATO, E. M. **Sobre as afasias e os afásicos**- subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas). 1. Ed. Campinas: Unicamp, 2002. v. 1000.

MORATO, E.M. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 143-169.

OLIVEIRA, D., MARCOLINO, J. *Considerações sobre o jargão na clínica de linguagem com afásicos*. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/6940/5032>. Último acesso em: 15-03-2014.

PACHECO, V. **O EFEITO DOS ESTÍMULOS AUDITIVO E VISUAL NA PERCEPÇÃO DOS MARCADORES PROSÓDICOS LEXICAIS E GRÁFICOS USADOS NA ESCRITA DO PORTUGUES BRASILEIRO**. 2006. Tese de doutorado em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SAMPAIO, N. F. S. O Centro de Convivência de Afásicos em foco. **Estudos da Língua(gem)**, 2008; 6: p. 67-96.

SANTANA, A.P. **Escrita e afasia: o lugar da escrita na afasiologia**. São Paulo: Plexus Editora, 2002, 155p.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1916. 279 p. Edição consultada: 2006

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB

Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística

Campus: Vitória da Conquista, Estrada do Bem-querer km 04, s/n, Zona Rural

Tel. (77) 3425 9395

CEP: 45 083 - 900 – Vitória da Conquista – Bahia – Brasil

(O presente termo em atendimento à Resolução 466/2012, destina-se a esclarecer ao participante da pesquisa)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de um projeto de pesquisa chamado **“A LEITURA E A ESCRITA COMO SUPORTES PARA A REORGANIZAÇÃO DA ORALIDADE DE UM SUJEITO COM AFASIA APÓS ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL”** desenvolvida com um participante que foi acometido pela Afasia.

Ao trabalhar com você gostaríamos de informar, primeiramente, que sabemos que esta síndrome é uma doença irreversível, ou seja, que trata-se de um problema que afeta o cérebro, desencadeando dificuldades relacionadas principalmente na fala, e por isso estamos cientes que poderá haver dificuldades no seu acompanhamento e que poderemos ter dificuldades com relação à sua expressão oral, mas estaremos dispostas a esperar com calma seu tempo e aceitar seus processos alternativos para se expressar com a linguagem. Teremos o cuidado ao planejar os encontros para que eles não sejam constrangedores para você e que não o abale emocionalmente. É importante ressaltar que você poderá interromper a sessão sempre que não sentir confortável com as atividades a serem realizadas e que poderá se recusar a tratar de assuntos que não lhe agradem. De acordo com a resolução 466/2012 toda pesquisa realizada com seres humanos envolve riscos e/ou desconfortos, desse modo, esclarecemos que os riscos não são descartados nesta pesquisa, principalmente os riscos relacionados à recuperação da fala. Você poderá se cansar ou estar indisposto, desse modo poderá cancelar a sessão em qualquer tempo. Sua família será avisada imediatamente, por telefone, caso ocorra qualquer emergência.

O trabalho visa investigar a linguagem em funcionamento de uma pessoa com Afasia em meio a efeitos característicos de uso social da linguagem.

Dessa forma, estaremos desenvolvendo com você atividades orais que possibilitem o conhecimento mútuo e interação entre os envolvidos na pesquisa (sujeito com Afasia, pesquisadora e orientadora), através de narração de história de vida, apresentação de pessoas mediante fotografias,

jogos de tabuleiro, filmes, músicas, comemorações de datas especiais, leitura de revistas e reportagens, momentos de partilha de lanche, acesso a redes sociais, atividades escritas além de comentários sobre fatos de interesse do indivíduo envolvido na pesquisa.

O acompanhamento longitudinal será de aproximadamente um ano e meio. Faremos com você um encontro semanal com duração de aproximadamente 2 horas, sendo que haverá uma pausa para lanche e descanso. Retornaremos as atividades assim que você se encontrar pronto e disposto a continuar. As sessões serão filmadas e/ou gravadas em aparelho de áudio para a coleta de dados e serão utilizados em trabalhos publicados durante a pesquisa. As sessões serão realizadas no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A sua identidade será preservada, assim como qualquer informação confidencial que possa comprometer sua pessoa.

Esclarecemos que não será usado nenhum tipo de procedimento que lhe traga constrangimentos, de modo que durante a coleta de dados caso você se sentir desconfortável em alguma situação poderá interromper a qualquer momento a sessão. Salientamos que temos a responsabilidade de prestar todos os esclarecimentos necessários durante o curso desses encontros para desenvolvermos a referida pesquisa. São garantidos sigilo e privacidade de todas as informações confidenciais colhidas durante a pesquisa. Os custos para realização das sessões de acompanhamento são de responsabilidade da pesquisadora, sendo a pesquisa de financiamento próprio.

Cabe esclarecer que é garantida a você a liberdade de se retirar do projeto por motivos de sua vontade, não sendo previsto quaisquer formas de ressarcimento ou indenização de quaisquer despesas decorrentes da participação no projeto.

Eu, _____, aceito livremente participar do estudo intitulado “A LEITURA E A ESCRITA COMO SUPORTES PARA A REORGANIZAÇÃO DA ORALIDADE DE UM SUJEITO COM AFASIA APÓS ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL” desenvolvido pela pesquisadora Lucélia Teixeira Santos Santana da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Assinatura do participante da pesquisa

COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu discuti as questões acima apresentadas com o participante do estudo. É minha opinião que o indivíduo entenda os riscos, benefícios e obrigações relacionadas a esta pesquisa.

Vitória da Conquista, Data: __/__/__.

Assinatura do Pesquisador

Fone: (77) 8806-3510

Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho s/n

Bairro: Jequiezinho

CEP: 45.206-510

UF: BA

Município: Jequié

e-mail: cepuesb.jq@gmail.com

Telefone: (73) 3525-6683

Fax: (73) 3528-9727

ANEXO B - MODELO DE REGISTRO DE TRANSCRIÇÃO

Banco de Dados em Neurolinguística (BDN)

Modelo de Registro

O BDN é formado por um sistema de notação e codificação que representa a dinâmica da atividade verbal e não verbal vivenciada no grupo II do CCA e certas especificações da linguagem patológica.

A fim de padronizar o registro dos dados foram criadas, para o BDN, uma série de “regras”.

1) **Tabela**

É composta por 6 colunas: Código de Busca, Numeração dos enunciados, Sigla do locutor, Transcrições, Observações sobre condições de produção do enunciado verbal, Observações de condições do enunciado não-verbal.

*Coluna código de busca

É usada a seguinte notação:

CÓDIGO	FINALIDADE
\tom	Entonação utilizada pelo falante
\TF	Transcrição Fonética
\her	Hesitação, repetição
\top	Topicalização sintática
\neg	Enunciado negativo
\ins	Inserção
\aí	Aí, daí, então
\né	
\tá	
\rir	Risos, humor
\int	Introdução de opinião
\lei	Leitura em voz alta
\com	Comparação
\esc	Escrita
\:	Alongamento vocálico
\imp	Ordem, pedido
\	Pausa breve
\//	Pausa longa
\?	pergunta
\!	Exclamação

*Coluna Sigla do locutor

Os sujeitos devem ser identificados por uma sigla (de 2 letras e em maiúscula) que é formada a partir da primeira letra de seu nome e a primeira de seu sobrenome. Exemplo : CF = Ceumara Fernandes

Já o investigador é identificado por uma sigla de 3 letras, na qual a primeira será a letra “i” (Investigador) em maiúsculo. Exemplo: IMc = Maria Coudry

*Coluna Transcrição

Espaço destinado para registro baseado **no que foi dito** pelos sujeitos e investigadores. Esses registros podem ser feitos de dois tipos: a transcrição fonética (utilizando os caracteres do IPA) e a transcrição simples ou ortográfica.

*Colunas sobre as condições de produção de processos de significação verbais e Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais

Espaço destinado para se explicitar a natureza dos dados, não mais o que foi dito, mas **o que foi dito**. Engloba observações acerca do **ritmo** (pausado, acelerado, hesitação, pausa breve, longa etc) e o do **tom** (afirmativo, dúvida, surpresa, decepção, suspense, ironia, incerteza, enumeração etc.).

Além de observações sobre os gestos (não-verbais).

2) Outras marcações

*Marcação de ênfase ou acento mais forte que o habitual -----> a transcrição do enunciado é feita em letras maiúsculas.

*Marcação de alongamento de vogal -----> usa-se “dois pontos” após a vogal alongada(:)

*Marcação de silabação -----> Usa-se hífen indicando a silabação. Exemplo: A -Do- Rei.